



Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: E. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones: 23201/2/3 — Telegramas: «Populard»

O AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO INTERNACIONAL

MANTÊM-SE SECRETAS AS DECISÕES

DO CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL DOS ESTADOS-UNIDOS

ATÉ A «ONU» TER ESCLARECIDO A SUA ATITUDE PERANTE A INTERVENÇÃO CHINESA

WASHINGTON, 29 — Os Estados Unidos estão a viver as horas mais agitadas da sua história, e desde ontem que esse facto se reflecte na agitação febril dos meios políticos desta capital.

O Conselho de Segurança Nacional reuniu, a noite passada, mas não publicou qualquer comunicado. Foi a sua primeira convocação depois de Setembro do ano passado, quando Truman tornou pública a notícia de ter sido assinada uma explosão atómica na Rússia.

Atribui-se a essa reunião excep-

SERVIÇO ESPECIAL DE WASHINGTON PARA O «DIÁRIO POPULAR»

cional importância. Supõe-se que o Conselho terá estudado medidas destinadas a enfrentar a grave situação na Coreia à luz das infor-

mações recebidas do general Mac Arthur. As decisões que se sabem terem sido tomadas conservar-se-ão, contudo, secretas até a «ONU» ter esclarecido a sua atitude perante o grave problema actual.

A opinião geral é que o perigo de o conflito da Coreia degenerar numa terceira guerra mundial nunca foi tão grande como no momento actual. A vergante que tomo fazem é se a ofensiva chinesa na Coreia representa uma primeira etapa para a imposição do domínio comunista a todo o Sueste da Ásia — hipótese em que se pode prever que a conflagração se propague brevemente em grande escala à Indochina e outros países limitrofes (Continua na 10.ª pág.)

QUATRO EXÉRCITOS CHINESES

AMEAÇAM A RETAGUARDA

DAS FORÇAS DA «ONU»

Q. G. DO 8.º EXÉRCITO AMERICANO NA COREIA, 29 — Os cem mil soldados das forças da «ONU», comandadas pelo general Mac Arthur, estão a passar pelas horas mais graves da guerra da Coreia, com quatro exércitos chineses a ameaçar a sua retaguarda.

Notícias da frente apresentam o seguinte quadro da situação: Flanco direito das posições principais de batalha: O avanço comunista foi detido a 72 quilómetros a nordeste de Pyongyang, antiga capital norte-coreana, mas as forças da «ONU» não ocupavam praticamente nenhum terreno a leste de Kunuri, no centro.

Comunistas chineses estavam a penetrar para a retaguarda das forças de Mac Arthur, que lutam desesperadamente com guardas da retaguarda, junto ao rio

(Continua na 7.ª pág.)

A CRISE INTERNA FRANCESA

PLEVEN

VAI PÔR

ESTA TARDE

A QUESTÃO DE CONFIANÇA

PARIS, 29. — Terminou pouco antes das 11 horas o conselho de ministros.

Por unanimidade, os membros do Governo autorizaram René Plevren, Presidente do Conselho, a pôr a questão de confiança no debate que se deve travar, esta tarde, sobre a composição e política do Governo.

Este debate começaria após uma intersecção a apresentar ao abrir a sessão desta tarde, com pedido de discussão imediata.

O seu autor seria Chevallier, presidente do grupo parlamentar da União Democrática e Socialista da Resistência.

Assim, a questão de confiança será apresentada nas formas constitucionais e a votação só se poderá verificar com um dia de intervalo. — (R. P.)

Vai fazer-se pela primeira vez um inquérito nacional às condições de habitação. Colaborar nessa magna tarefa respondendo COM VERDADE aos questionários do «Boletim de Família» do 9.º Recenseamento Geral da População.

AMIZADE LUSO-INGLESA

O MAIS PODEROSO COURAÇADO DA ESQUADRA BRITÂNICA

FUNDEOU HOJE NO TEJO

A VISITA A GIBRALTAR

DA FLOTILHA PORTUGUESA

CONSTITUIU UM ÊXITO INCONTESTÁVEL

—disse o almirante Vian à Imprensa

A's primeiras horas da manhã de hoje, a mais poderosa unidade da Esquadra britânica — o couraçado «Vanguard» — entrou na enseada do Tejo, escoltado pelo contratorpedeiro «St. James», também da «Royal Navy», e pela fragata «Diogo Gomes» o contratorpedeiro «Dios» e «Vouga», da nossa Marinha de Guerra. Todas essas unidades participaram nas manobras navais de

conjunto que, ontem, terminaram, no Atlântico.

A visita a Lisboa do «Vanguard» e do «St. James» constitui mais uma expressiva demonstração da amizade que, desde há séculos, liga a Grã-Bretanha e

Portugal. E o facto de a bordo da primeira daquelas unidades ter vindo o comandante-chefe da «Home Fleet», o glorioso almirante «Sir» Philip Vian, dá, ainda, maior significado a esta visita de cortesia.

Os navios da «Home Fleet» e da Armada portuguesa fundearam, frente a Caxias, por volta das 6 horas. E, às 7 e 45, o «Dios», o «Vouga» e a fragata «Diogo Gomes» largaram rio acima, indo amarrar em frente do Terreiro do Paço.

Pouco depois, levantou ferro o poderoso «Vanguard» que, com a tripulação formada no convés, salvou a terra com 21 tiros, ao

(Continua na 6.ª pág.)



Estas pequenas artistas fazem parte da «Starbuds' Review», que está actuando com grande êxito num dos teatros do bairro de negros de Nova York. Formam um «ballet» que é um friso de criatividade, demonstrando as pequeninas apurado sentido artístico

A AMEAÇA DE PEQUIM

Pelo Dr. Max Walter Claus

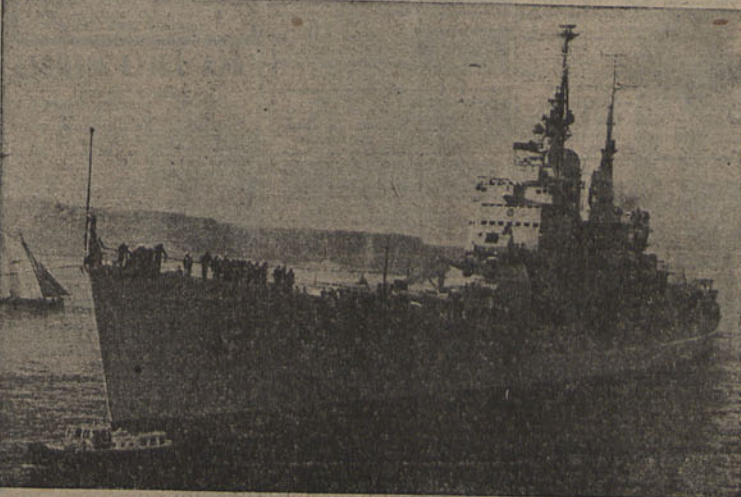
O Mundo evoluiu muito desde a Conferência de Genova, em Março de 1922, que marcou a primeira aparição da Rússia bolchevista na diplomacia internacional. O homem-mistério de então, cujos movimentos intrigavam muito os homens de Estado e os diplomatas ocidentais, surgiu na pessoa do conde Tchitcherine, antigo alto-funcionário do Tsar transformado em Comissário Soviético dos Negócios Estrangeiros. O Ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Chou-en-

-Lai, continua em Pequim, com Miao-Tsé-Tung, mas obedece à melhor tradição chinesa — tão perfeitamente respeitada por parte de Chang-Kai-Chek, com a família Sung — enviando a Lake Success uma delegação quase de família.

O chefe da delegação, o general comunista Wu-Hsiu-Chan, que dirige o Departamento Russo e Extremo-Oriente no Ministério dos Negócios Estrangeiros,

(Continua na 10.ª pág.)

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O poderoso «Vanguard», ao aproximar-se da muralha de Alcantara

DEPOIS DAS NOVE

LADRÕES DE BICICLETAS

É RECEBIDO EM PORTUGAL
COMO EM TODO O MUNDO

com compreensão e entusiasmo

ALGUMAS CRÍTICAS DE LISBOA

«Uma salva de palmas coroou o filme e sem que os muitos prémios que obteve exercessem sugestão.»

(Diário de Lisboa)

«É essa beleza duma inexecedível simplicidade que fez a grandeza do filme em que tudo, o mais insignificante pormenor incluído, o coloca a uma altura raras vezes atingida no cinema.»

(Diário de Notícias)

«A valorizar a produção há a nota de não haver nela inconveniências de ordem moral, o que vem mais uma vez provar a possibilidade de se fazer Arte em cinema no mais alto significado da palavra.»

(Novidades)

«Ladrões de Bicicletas» assinala uma idade nova na cinematografia mundial. É uma obra que fica.»

(Diário Popular)

«Aplaudindo, como o fez na noite da estreia não podia o público prestar mais eloquentemente justiça a tão excepcional e comovedora película.»

(A Voz)

«Com este filme, o cinema italiano vive a sua hora mais alta de consagração mundial.»

(O Século)

«É uma fita excepcional no que de verdadeiro tem o termo excepcional.»

(Diário da Manhã)

«O filme constitui uma dupla lição de Humanidade e de arte cinematográfica.»

(República)

A CRÍTICA EXALTA-O!
O PÚBLICO APLAUDE-O!
O TIVOLI ESGOTA-SE!

LADRÕES DE BICICLETAS

Um filme que, quanto mais se vê, mais se aprecia

FILMITALUS

DISTRIBUIÇÃO

DANCING DE LUXO **ARCADIA** VARIEDADES Aço, 30 e 2,15

GRANDIOSO SUCESSO DO **BALLET HELIOS**

MARGARIDA do CAMPO PAULITA FLORES / MARY MELLY / HERM. BARON / ROSA ESTRELLA

PERLA LEVANTE / LOLITA CRUZ / MARY ARILLA / MARISSA MAR / ANA MARIA

2 ORQUESTRAS NOCTURNOS E ARCADIA

Orquestra Sinfónica de Bamberg

(ANTIGA ORQUESTRA ALEMA DE PRAGA)

SOB A DIRECÇÃO DE

CLEMENS KRAUSS

EM RIGOROSA EXCLUSIVO NO

TIVOLI

NOS DIAS 3 E 4 DE DEZEMBRO

BILHETES À VENDA

A's 20 e 45 e 23 horas

ESTREIA
DA ENGRAÇADÍSSIMA
COMEDIA

«O PADRE

PIEDADE»

com Vasco Santana, Eunice
Muñoz, Hortense Luz, Maria
Helen, Igrejas Casiro e um
grande elenco

TODAS AS NOITES

em duas sessões

às 20 e 30 e 22 e 45

Sempre lotações

esgotadas

A REVISTA POPU-

LAR DE GRANDE

EXITO

«ENQUANTO HOUVER

SANTO ANTONIO»

com Irene Isidro, Laura Alves,
Antônio Silva, Ribelinho,
Barroso Lopes e Carlos Alves

A's 20 e 45 e 23 hora

HOJE — ÚLTIMAS

REPRESENTAÇÕES

«IÁ IÁ BONECA»

AMANHÃ: ESTREIA

«OS GREGOS ERAM

ASSEM...»

Uma sátira de Luis Iglesias

As 18,30

TEATRO A TARDE

PELA

COMPANHIA ASSIS

PACHECO

«O OUTRO

ANDRÉ»

Farsa em 3 actos de CORREIA

VARELA

A's 21,30

Estreia do filme de

Capa e Espada

«O Mosqueteiro

da Babilónia»

com Amadeo Nozari e

Lois Maxwell

EM 2ª SEMANA

O célebre filme

«LADRÕES DE

BICICLETAS»

com Lamberto Maggiorani e Enzo Staiola

A's 21,15

O SUPERFILME

«O GRANDE

PECADOR»

com Gregory Peck, Ava

Gardner e Melvyn Douglas

No PALCO: Um sensacional programa

de «music-hall» com o pianista Enri-

que Luzuriaga e a famosa bailarina

MARIEMMA

A's 15 e 30 e 21 e 30

O sensacional filme

de gargalhada

«TÓTO PRO-

CURA CASA»

com o famoso cómico

TÓTO

A's 21,30

O grandioso filme

em Technicolor

«Mulherzinhas»

com June Allyson e

Elizabeth Taylor

No PALCO: Gerald Shaw em órgão

de cinema

A's 21,30

EM 2ª SEMANA

O deslumbrante filme

em technicolor

«AMORES

DE CARMEN»

com Rita Hayworth e

Glenn Ford

A's 21,30

O sensacional filme

da Paramount

«A GRANDE

PAIXÃO»

com Wanda Hendrix

Claud Rains e Ma

Donald Carey

A's 21,30

Um êxito triunfal, com

INGRID BERGMAN

em

«STROMBOLI»

Realização de Roberto

Rossellini

A's 18,15 (Preços red.) e mesmo filme

A's 21,30

Despedida do êxito

com

INGRID BERGMAN

em

«STROMBOLI»

Realização de Roberto

Rossellini

A ESTREIA DE ONTEM

SAO LUIZ — Mariem-
ma e «O Grande
Pecador» — O
elegante cinema da Rua António Ma-
ria Cardoso apresentou ontem um es-
petáculo de categoria excepcional
digno das suas brilhantes tradições.
Mariemma, a grande e prestigiosa in-
terprete do baile espanhol, porventu-
ra mais perfeita na arte incomparável
em que já, em épocas anteriores, deli-
ciou a plateia do São Luiz, voltou ago-
ra, para regalar dos seus admiradores.
Os seus bailados, ora suaves e gracio-
sos, ora arrebatados e burlescos, como
que ganhavam novas e mais altas ex-
pressões de beleza, evidenciando um
extraordinário poder interpretativo e
em sentido de espectáculo que dir-se-
ia engrandecer ainda mais a tradição
do puro baile espanhol. Em danças evo-
cativas astorianas, flamencos vistosos e
emalgamadas fresas e saliantes, Ma-
riemma empolgou a plateia e aque-
ceu a atmosfera, ouvindo calorosas e
repetidas ovações. A excepcional ar-
tista foi acompanhada pelos magní-
ficos bailarinos Joaquim Villa e Paco
Fernandez, e ao piano por Luzuriaga
e á viola por Paco de la Isla. O bal-
lado «Verdalem», de uma alegria co-
munitativa e de uma graça e de uma
suavidade surpreendentes, é dos que
não esquecem!



Fernanda Maria, que se estreou na
revista do Apolo, é já uma reali-
dade com que o teatro ligeiro tem
de contar e que se impõe pelas suas
qualidades de talento e de presença

Na tela, exhibiu-se o filme «O Grande
Pecador», obra de uma sugestão po-
derosa e que constitui tremendo libelo
contra o vício do jogo baseado num ro-
manço do infortunado Dostoyevski. É um
filme excepcional, quer na cinematiza-
ção do pungente drama do protagonista
que se deixa subverter pela paixão da
roleta, quer pelo desempenho, que é
admirável e em que se salientam
Gregory Peck, Anna Gardner, Frank
Morgan, Ethel Barrymore, Walter Hus-
ton, Melvyn Douglas e Ayres Moore-
head.

A este conjunto de artistas de cate-
goria, há que juntar o nome do rea-
lizador, Roberto Siodmak, que cons-
truiu um poderoso espectáculo. — M.
G. R.

TALVEZ VÓCE NÃO SAIBA

Que a Companhia de
Revistas e Ope-
ras, dirigida pelo
sector Miguel Orrico, reaparece no Te-
atro Sá da Bandeira, do Porto, no dia
15 do próximo mês, com a revista lo-
cal «Doce da Telextras», original de
Abreu e Sousa, Ataíde Perry e Coelho

(Continua na 11.ª pág.)

MAXIME

BREVENTE: ESTREIA DE

CADA ARTISTA... UM EXITO! ALTA CLASSE

HERMANAS ORO-TELLO | ESTER DE MURILLO | ROSITA CATALA

CHARITO MORENO / HERMANAS TAMAYO

/ ROSITA MARFIL / GITANILLA DE MONTEREY

/ ISABELLITA GUERRA / ELISA ISABEL

MUSICA CONSTANTE PELAS ORQUESTRAS

FERNANDO DE CARVALHO e TROPICAL-BOYS COM O CANTOR TAVARES FERREIRA

MUITA ATENÇÃO: Ver amanhã programa comemorativo do 1.º aniversário do «MAXIME»

(Continua na 11.ª pág.)

CRISTAL

O «dancing» dos estupendos atracções

UM GRANDE PROGRAMA | OS MELHORES ARTISTAS | UM NOTÁVEL CONJUNTO

Toda a noite festa e alegria permanente com as orquestras CARAVANA e SBAT, delicioso conjunto típico

PARA O SEU CARRO AUTO SANTA MARTA

5 7248

CASINO ESTORIL «A TRAGÉDIA DO CAPITÃO SCOTT» com John Miller e Darek Bond

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,15 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

A's 21,30 «ODEIO-TE, MEU AMOR» e «ROSAS TRÁGICAS»

PELOS SUPERFLUOS

Não são bonitos, LAURA, depiladora especializada, tira-os perfeitamente

CABELEIREIROS LUIGI — NOGUEIRA

RUA NOVA DO ALMADA, 36-1.º

Telefones 28465 — 28064

SAIA JÚLIA MENDES

(PARQUE MAYER)

Animador: MODESTO MAIA

A's 21 e 30: Fados e Canções com Alice Magina, Maria José da Gula, Emília Lopes, Tristão da Silva, Amândio da Silva, Alberto Costa, Custódio Ramos e Miguel Ramos. Manhã: Conjunto Musical BELMAR

SEXTA-FEIRA: «MATINEE»

SABADO: VARIEDADES

PEQUENO CABITAZ

OLIMPIA — «Sangue Loureiro»

CENABAR — «A Vida de Pasteurs»

EUROPA — «A Dança dos Milhões»

PARIS — «Duelo ao Sol»

LYSA — «O Terceiro Homem»

TEHRASSE — «O Grande Ídolo»

ROYAL — «O Espadachim»

ZARDEM CINEMA — «São Vermelho»

PALATINO — «Corrão do Perdido»

IMPERIAL — «A noite tem mil olhos»

THOMOTORA — «O Homem dos seus sonhos»

MAX — «Carnaval e Loucas»



**Dentes
lindos**

porque a espuma
de Kolynos

PENETRA e LIMPA

entre os dentes



PREÇO 12\$50

K. 42

ESTÁDIO DE ALVALADE

1 de Dezembro de 1950 (FERIADO NACIONAL)

DIA DO SPORTING

às 13 horas

UNIÃO TORREENSE—SPORTING

(Categoria de honra)

(Reservas)

às 15 horas

HELSINGBORS—SPORTING

(2.ª class. do Campeonato da Suécia)

CATEGORIAS DE HONRA

Bilhetes à venda: Sporting — R. do Passadico, 86; Livraria Franco — R. Barros Queirós, 18; Casa da Boa Sorte — L. do latente; e nos Restaurantes.

Preços: Poço, 10\$00; Lateral, 25\$00; Central, 35\$00; Frontais, 55\$00; Camarotes (4 lugares), 140\$00 — (6 lugares), 210\$00 — (8 lugares), 280\$00; Sócios, bancadas topo, 10\$00.

CAVE II Temperatura de Verão
— DO —
CAFÉ PORTUGAL
AMANHÃ AO ALMOÇO
APRESENTA
Um prato regional ao qual está destinado um êxito igual aos anteriores
VITELA COM LEGUMES
A MODA DE LAFÔES



A MAQUINA MAIS POPULAR!

R. da Prata, 68-Tel. 30306-Lisboa

**MEIAS
NYLON-DUPONT**
todos os preços e qualidades
MEIA DE VIDRO
R. AUGUSTO, 158

**LAMINAS
MERKUR**

Compre hoje mesmo «NUMEROS E NOMES DO FUTEBOL PORTUGUES» da autoria de RICARDO ORNELLAS



LEGIONÁRIO HEROICO

As revoltas no Vietnam fomentadas por agentes estrangeiros!

OS PERIGOS DA SELVA E DOS INDIGENAS E O ARROJO DOS LEGIONÁRIOS!

AS CERIMÓNIAS DA SAGRAÇÃO DA CATEDRAL DE BISSAU

BISSAU, 29. — A convite da Prefeitura Apostólica da Guiné, chega amanhã a esta cidade, a fim de presidir às cerimónias da Sagração da Catedral de Bissau, o sr. Bispo de Cabo Verde, D. Faustino Moreira Santos, a quem se prepara uma imponente recepção.

A bordo do navio «Alexandre Silva», em que viaja o ilustre prelado, irão apresentar-lhe cumprimentos o representante do Governador, o Prefeito Apostólico, o presidente da Câmara Municipal e os membros da Comissão Executiva dos festejos religiosos.

A Catedral será sagrada no dia 8 de Dezembro, prestando a guarda de honra ao sr. Bispo de Cabo Verde, à entrada do templo, uma Comandaria indígena de Caçadores. Haverá missa de pontifical, seguida de sermão pelo rev. Mário Cândido Branco, que vem de Lisboa, expressamente, realizando-se à tarde uma procissão da igreja paroquial da Amora para a Sé Catedral.

As solenes cerimónias prosseguirão no dia 11, com uma sessão no salão nobre do Tribunal Judicial. O Governador da Colónia, sr. eng. Raimundo Serrão, oferece no dia 12 um jantar em honra do ilustre visitante.

Desporto

Estádio Municipal de S. João da Madeira

Foi concedido à Câmara Municipal de S. João da Madeira, pelo Fundo de Desemprego, uma participação de 135 mil escudos para a segunda fase da construção do estádio municipal daquela vila, orçamentado em 450 contos.

Conselho Técnico dos Desportos

O sr. Quirino dos Santos Meaia foi nomeado para o Conselho Técnico dos Desportos, na vaga resultante da exoneração do sr. Francisco Madeira Mexa.

A assembleia geral de «Os Belenenses»

A pedido da direcção, reúne-se hoje a assembleia geral do Clube de Futebol «Os Belenenses», no ginásio da colectividade, às 21 horas, para tomar conhecimento de vários assuntos que se prendem com o campo atlético daquele clube, visto ter de desocupar o das Salésias até junto de 1952.

O F. C. do Porto em Agueda

O grupo de honra do F. C. do Porto, visita no próximo dia 3 a vila de Agueda, onde efectuará um encontro com o «senhor» R. D. de Agueda.

A GENEROSIDADE DOS NOSSOS LEITORES

Para o apelo publicado em 24/11/1950, a favor dos pobres protegidos deste jornal, recebemos de J. F. M. L. a importância de 50\$00 (cinquenta escudos). Os nossos agradecimentos.

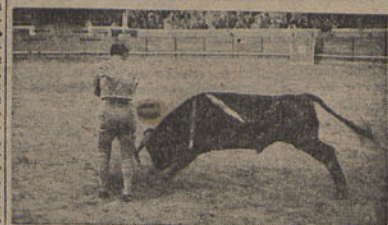
TAUROMAQUIA

O «CASO» LOPES DA NETA

LOPES DA NETA, o novilheiro que no domingo, 19, se apresentou em Algués, pede-nos a publicação de duas cartas, trocadas entre ele e o nosso crítico tauromáquico.

Ex.ª Sr. Dr. Saraiva Lima:

Permita V. Ex.ª que lhe manifeste o meu reconhecimento pela maneira equilibrada e ponderada como se referiu à minha apresentação na Praça de Algués, sem falar na minha vida particular, antes se limitando a dizer o que entendeu acerca da minha actuação. Sou o primeiro a reconhecer que a minha actuação foi fraca, lamentando não ter podido mostrar aos meus amigos e aos aficionados que lá foram, sem mais intenção, nada do pouco que sei, mas mais alguma coisa do que realmente fiz.



Um ajudado por alto, de Lopes da Neta, em Algués

Atribuo tudo isso ao meu estado de nervos, proveniente do péssimo ambiente provocado à volta da minha estreia. Vou aproveitar, desde já, as ofertas que vários ganaderos me fizeram, para intensificar os meus treinos, tanto cá, como em Espanha, para ver se, na próxima época, todos aqueles que agora me atiraram pedras possam aplaudir o que nessa altura vier a fazer.

Sou, com a mais elevada consideração,

De V. Ex.ª, Att.º Venr. e Obg. — (a) Lopes da Neta

Sr. Lopes da Neta:

Não tem que me agradecer o que escrevi a seu respeito, por ocasião da novilhada de Algués, pois, como sempre, nada mais fiz do que observar o que se passou no redondo, sem me preocupar com a pessoa do artista. E apliquei-lhe a mesma bitola — passe o termo — que uso para qualquer principiante que se julgue com conhecimentos para se apresentar em publico num espectáculo de responsabilidade. O barulho e os comentários, feitos à roda do que já se poderia chamar ao caso Lopes da Neta, são apenas produto da tacañeria do nosso acanhado meio tauromáquico. Os que, como eu, estão ao par do ambiente de touros em Espanha, sabem o que todos os anos parecem, em Madrid — e a sua Monumental é a primeira praça do Mundo, quando a de Algués nem sequer é a primeira praça do nosso País — principiantes que mostram ser a sua apresentação por demais prematura, dados os poucos conhecimentos que revelam. Ainda há pouco, de um novilheiro que se apresentou em Madrid, se escreveu no «Dígame» — e todos sabem quanto «K-Hito», o seu insigne director, é comedido nas suas apreciações: «N: uma veronica, n: um quite, ni un pase. Y menos una estocada. Precauciones abundantes y bastas. Acerca de outro, algunos dias antes: «F... anduvo torpon, prodigando trapazos por doquier, sin sitio para establecer siquiera una cabeza de puente». Já vê, pois, que o seu caso é banal em Espanha. V., naturalmente, ainda fez mais alguma coisa do que aqueles dois principiantes de Madrid, que se apresentaram, também, num espectáculo sério, como é uma novilhada com picadores na sua Monumental. Por agora, V. fez um mau exame, mas pode, numa repetição, portar-se doura maneira, se tiver melhores mestres que o ensinam, e se a sua vocação não tiver diminuído, com o que se passou na tarde da sua estreia. Afectuosos cumprimentos de Saraiva Lima.

HOJE

AS 21,30

SENSACIONAL

ESTREIA

NOS CINEMAS

ODEON

E

PALACIO

O popular actor

AMEDEO

NAZZARI

NA EMPOLGANTE SUPER-PRODUÇÃO DE MOVIMENTADAS AVENTURAS

A SUA ESPADA ESTÁ VA SEMPRE PRONTA PARA A JUSTIÇA E PARA DEFENDER A MULHER AMADA!

UMA AVENTURA NO QUADRO SÚMPTUO. SO DA ITALIA DE 1600!

Exclusivo
FILMES
ALCANTARA

O MOSQUETEIRO DA RAINHA

Artes

LIMITES E UTILIDADES DA CRÍTICA DE ARTE

UM ARTIGO INÉDITO DE
LEON DEGAND
(ESPECIAL PARA O DIÁRIO
POPULAR)

Como se faz um crítico de arte? Há muitas escolas para formar historiadores de arte e estetas. Nenhuma, para fazer críticos de arte. O conhecimento do passado, as condições em que se produz a criação estética e as formas de arte, se são úteis, e talvez indispensáveis, para a formação de um crítico de arte, não bastam, com efeito, para formar um crítico. É mesmo que se recorre para se pronunciar um julgamento estético digno de ser tomado em consideração — pois que nisso consiste, sobretudo, a crítica de arte — tal não bastaria, apesar de tudo, para formular algum.

Tudo o que se pode dizer é que se nasce crítico de arte como se nasce artista: por uma espécie de necessidade interior, pelo perfeito acordo de uma certa actividade com alguns dons pessoais.

As bases da crítica de arte não oferecem nenhuma garantia. O crítico de arte não pode, como o engenheiro, basear-se numa ciência, cujos princípios são, constantemente, controlados pelos factos, e onde as palavras erro e verdade têm uma significação. Os corpos de doutrina da crítica de arte são apenas sínteses de pareceres precários e sempre susceptíveis de ser superados por outros pareceres não menos precários e também susceptíveis, por seu turno, de ser superados por outros novos.

O crítico de arte não pode, por princípio algum, pretender ser objectivo. Essa objectividade significaria a existência de uma verdade artística independente de nós mesmos. Ora, a verdade, no domínio do valor artístico, é sempre pragmática, relativa. «A verdade, diz William James, não é senão o que nos parece vantajoso na ordem dos nossos pensamentos, assim como o bem não é senão o que nos achamos vantajoso na ordem das nossas acções». Como quer que seja, o crítico de arte está condenado ao pragmatismo, ao menos no exercício de suas funções.

O crítico de arte, decerto, se apoia em critérios às vezes tão comumente admitidos — e há tanto tempo — que às vezes tem a tentação de apresentá-los como verdades absolutas. Mas se há precisamente uma verdade não pragmática que o crítico de arte pode defender, é a de que os critérios artísticos. E o crítico de arte não o dissimula, pois que existe, apesar de tudo, uma deontologia da crítica de arte.

Mas já que a crítica de arte permanece, principalmente, no domínio do pragmatismo, convém que o crítico de arte tome francamente partido e considere essa aparente desvantagem como um postulado inevitável, ao melhor, como a própria característica da sua actividade.

Depois de definidos esses limites da crítica de arte é que se pode perguntar qual a utilidade da crítica de arte. Quando um indivíduo, dotado de alguma consciência, passa do estado de amador ao do crítico, é que se apercebe de que há uma modificação essencial em seu comportamento. Na presença de uma obra, o amador pode distrair-se (é melhor que não se distraia, evidentemente). Mas o crítico de arte deve estar atento. É uma pena que deixe escapar um pormenor, mesmo insignificante, que pode ser primordial para a sua argumentação, pois que o pró-

prio do crítico de arte é, justamente, motivar os seus julgamentos. Obrigado, pois, a exercer a sua atenção — mesmo a forçada — o crítico desenvolve a necessidade, a ponto de sofrer o seu automatismo, mesmo quando tenha propensão a distrair-se.

Essa atenção é, ao mesmo tempo, crítica. A medida que o crítico vai descobrindo a obra vai-se formando o seu julgamento; juntam-se os argumentos às observações e ordena-se um raciocínio. Esse pensamento também se torna automático, por seu turno.

Julgamento e argumentos que ele não pode deixar no vago. O crítico deve concebê-los claramente, e prepará-los para enunciar-se sem muito atraso, pois que todas essas operações mentais devem concluir por um texto a remeter em tempo mais ou menos curto a um jornal ou a uma revista, e destinado a esclarecer, ao melhor, a convencer um leitor pelos meios da lógica discursiva.

Esse automatismo da atenção e da formação do julgamento, a precisão obrigatória no enunciação desse julgamento, a necessidade de concluir depressa, mas guardando ao máximo a contenção do espírito, a multiplicidade das experiências dessa ordem, tudo isso concorre para dar ao crítico uma multidão de vantagens sobre o amador. Quer o público aceite o parecer do crítico, quer o discuta ou recuse, sempre beneficiará, graças a ele, de um trabalho de desbravamento que não tem tempo, nor seu turno de levar a cabo. Por relativa que pareça do lado do público a utilidade da crítica de arte, não é, por isso, menos real.

Quanto aos artistas, salvo excepções, fazem profissão de fé, mais ou menos manifesta, de considerar o crítico de arte como uma espécie de agente de publicidade.

«SEGUNDO CONGRESSO DAS ACTIVIDADES DO DISTRITO DE LEIRIA»

Estão reunidos em livro, sob o título «Segundo Congresso das Actividades do Distrito de Leiria», todos os trabalhos referentes à importante assembleia, desde o regulamento às comunicações e teses aprovadas e aos discursos que foram proferidos em vários actos. Tem especial relevo a cerimónia no Mosteiro da Batalha e a evocação de Afonso Lopes Vieira junto da casa do insigne poeta. É um documento de valor apreciável através do qual se pode avaliar da importância daquela reunião e do mérito dos assuntos que nela foram debatidos. A edição do livro é da Casa do Distrito de Leiria.

CANTO DO BRASIL A VÃ FEITÇARIA

Por LÊDO IVO

Invento a flor e, mais que a flor o orvalho
que a torna testemunha desta aurora,
Invento o espelho e, mais que o espelho o amor
onde eu me vejo, vivo, na superfície.
E a vida, este golpe de sortilégio,
deixa que eu a invente com palavras
que são dragões vencidos pela magia.
E não me espanta que eu, sendo mortal,
sujeito à injúria de tornar-me em pó,
crie uma rosa eterna como as rosas
inexistentes nesta flora efêmera.
Sonho de um sonho, a vida, ao vento, escapa-se
por res lembranças. Minha rosa morre
em res eterna, sendo o Mundo vivo.

PAROARIS

António de Cértima, sevilhano do coração, não tardará a lançar a lume, em prosa lírica, Sevilha do amor. Não resta dúvida: António de Cértima é o D. Juan Tenório literário de Sevilha!

Joaquim Leitão sofria, há dias, um lamentável desastre: partiu o braço direito. Não perdeu, porém, nem o seu sorriso, — nem o seu optimismo. Ao perguntar-lhe como é que ele estava, respondeu-me, sorridente:

«Estou ventado!», meu amigo! E mostrou-me o braço fracturado metido entre duas talas.

Não tardarão igualmente a vir a lume, em livro, Os homens que se fizeram por si, série de artigos que se encontra no Diário Popular, tem publicado o Prof. D. António Pereira Borges. Não deixem de ler esse livro — sobretudo os homens que se fizeram à custa alheia.

Parece que há em Londres um girato de quatro anos que, sem ter recebido licença regular, passa os dias a ler Shakespeare... Ora vá lá um escritor livrar-se de uma coisa destas!

O caso literário mais palpitante da última semana foi a atribuição dos prémios literários do S. N. I., referentes ao ano de 1949, ou, melhor, a não atribuição — porque dos prémios estabelecidos só foram dados três. «A Arte sublime de escrever — disse o, o propósito, o director do S. N. I. — está, como tudo mais sobre a Terra, atravessando uma crise desastrosa». Nada mais exacto. O curioso é que essa crise se manifesta sob dois aspectos: os bons escritores escrevem cada vez menos — e os maus escritores escrevem cada vez mais.

Encontro Miguel Trigueiros. — Então, projectos? — pergunto-lhe.

— Antes da minha visita à América do Norte na próxima Primavera, tenciono realizar uma tournée por Portugal. Já tenho 17 recitais marcados em outras tantas terras do país... — Explendo.

— E o que se chama uma anténica volta a Portugal em bicicleta perdido... — em poesia! Não acha?

— Tem algum livro a publicar? — Inquiriu de João Gaspar Simões. — Tenho. Todos nós temos sempre, mais ou menos, livros a publicar: o que temos cada vez em menor numero... é quem os edit!

Li, há dias, o seguinte anúncio: Vendem-se 5 palácios em Lisboa. Creio que os escritores portugueses têm agora uma excelente oportunidade de empregar os largos rendimentos das suas edições.

L. O. G.

«A CATEDRAL DA MÚSICA» NO TIVOLI

Amanhã, às 18.30, exhibe-se no Tivoli o filme «A catedral da música», revertendo o produto do espectáculo em favor do Natal dos Hospitais de Lisboa.

LIVROS NOVOS

«LORENA», poema de Marques Leal — Com este livro, caprichoso como uma girandola multicolor, Marcos Leal — um meio-pseudónimo de um dos mais inteligentes da nova geração — o poeta assinala o seu embarque no longo e árduo caminho das lides literárias. É lá-o com singular brilho e marcada originalidade.

Em «Lorena», embora numa total independência de moldes e, nem-pouca, em subitas afinidades, um conjunto de grandes parentescos ou simpatias epirituais, provelos, lido de bons mestres. E, assim, Tagor, Rilke, Whitman, a épica medieval — no lirismo de Tristão e Iseu — a religiosidade cristã de Santo Agostinho, todas essas luzes cintilam numa luz nova, pessoal.

Tedavia, tudo quanto é hoje considerado «poesia moderna», pela liberdade dos metros, pelo abandono das rimas, pela quebra de algumas das convenções formais ou melódicas, tudo encontrou em Marcos Leal um artista actual, vivo, dinâmico, complexo e, contudo, simples, de tal modo dispensa o rutilar das imagens, as quais prefere a concisão dos pensamentos.

«A CRISE DAS EXPORTAÇÕES METROPOLITANAS PARA O ESTRANGEIRO», pelos drs. J. I. Teixeira Ribeiro e A. M. Pinto Barbosa (Edição da Associação Industrial Portuguesa) — A necessidade da formação de uma consciência económica nacional, ainda há pouco reconhecida superiormente pelo Sr. Ministro de Economia, tem encontrado eco oportuno entre as maiores autoridades da cultura portuguesa, neste domínio. O estudo recentemente publicado pelos drs. J. I. Teixeira Ribeiro, professor da Faculdade de Direito de Coimbra, e dr. A. M. Pinto Barbosa, professor do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, actualmente exercendo as funções de Subsecretário do Tesouro, sobre os problemas presentes da nossa exportação, vem corresponder ple-

namente a este objectivo. Tomando por ponto de partida a análise da balança comercial portuguesa, em que se acumularam nos últimos quatro anos avultados défices, e confrontando as exportações metropolitâneas para o estrangeiro antes e depois da guerra, os autores concluem pelo diagnóstico preciso dos factores de crise que têm afectado o comércio externo português.

Baseadas em sínteses estatísticas rigorosas e lucidamente articuladas, as conclusões apresentadas neste trabalho, que se intitula «A crise das exportações metropolitâneas para o estrangeiro», revestem-se de evidente valor prático e devem servir de fundamento a um programa de actualização para a reconquista de mercados para as nossas produções exportáveis fundamentais. Ao mérito do esclarecimento público em matéria de tão importante significação, há que acrescentar-lhe, pois, o da orientação correcta na política económica externa do País. Os drs. Teixeira Ribeiro e Pinto Barbosa prestaram, deste modo, precioso serviço à economia nacional. Muito maior será se outros estudos de índole semelhante forem feitos, em que veio agora a público, em edição singular.

(Continua na 10.ª pag.)

«Subericultura»

pelo Eng. J. Vieira

Natividade

Eis um livro que não sendo obra literária mas científica se integra perfeitamente nesta página: «Subericultura», pelo eng. J. Vieira Natividade. Sendo uma obra rigo-



Eng. J. Vieira Natividade

rosamente técnica, no melhor sentido da palavra, tem um interesse intelectual tão evidente, quer pela perfeição e clareza do estilo quer pela densidade dos conceitos — que ultrapassa, de longe, os limites da especialização a que visa e a que normalmente, com idêntico proveito para ela, poderia confinarse.

O eng. J. Vieira Natividade, herdeiro de um nome ilustre nos estudos arqueológicos e portador de uma tradição de cultura e de estudo que em suas obras tem valorizado e enriquecido, escreveu de facto, ao contrário do que afirma modestamente no Prefácio deste seu livro, um autêntico tratado. Longos anos de estudo à cultura do subreito em Portugal, editor de aturados, diligentes e profundos estudos agrónomicos que os maiores centros científicos do estrangeiro têm celebrado devidamente, deram o seu contributo para esta obra que sendo aquilo a que em linguagem de crítica literária se poderia chamar um ensaio atá também um livro de História, é, sobretudo, um grito de alarme. O eng. Vieira da Natividade o diz logo na portada do seu livro: «Herdeiros de opulentos montados de sobre, riquíssimo património cuja exploração a fundo consentiu que ocupásemos o pri-

(Continua na 10.ª pag.)

DA COR DO TEMPO...

O grande poeta António Correia de Oliveira escreveu-me certa vez, numa das suas afectuosas cartas — tão simples e tão altas de espontânea beleza — que os versos eram como o coração em Maio: puz-se um e vem logo quatro ou cinco...

Com os amigos creio dar-se um pouco o mesmo, fortemente, pois a amizade é o que se mantém real, o que sobrevive, o que, nestes tempos a «esvirgas» actualizando a frase de Lopes Vieira — para a selva-jaria inicial.

Na verdade, a velha regra, tão esquecida, que estabelecia que os amigos dos nossos amigos, nossos amigos não se perdes de todo e, aqui e ali, ainda topamos o eco desses sentimentos que têm seu auge da Casaca-munido de uma carta de Laureano Ainda há uma ala.

Waldemar de Melo, o jovem poeta riopandense que há dias me apareceu munido de uma carta de Laureano Bandeira (um querido camarada de Belo Horizonte, que nunca vi, mas com o qual me correspondo assiduamente) é um, mais um desses amigos de além-mar, amigo dos meus amigos velhos de Mundo novo. O Brasil tem-me regulado com estas amizades, a começar pelo eternizado, e profundo afecto do seu maior poeta, a grande Cecília Meireles, de quem já sou amigo há muitos anos. O trabalho de tom das suas fórmulas místicas, todas em efimidades seguras.

Aos que de cá vão recebendo-os e apresentando-os a Cecília Meireles, a André e Dulce Carneiro, César Monteiro Junior, a Laureano Bandeira — todos encantadores camaradas que nunca vi, que estimo e conheço ao longo da correspondência trocada, dos trabalhos tidos, admirados, das confidências.

(Continua na 10.ª pag.)

de Vitorino Nemésio

LÍNGUA, POLÉMICA E SÁTIRA

Uma operação de história que me parece impor-se entre nós é a do processo das polémicas travadas a vários propósitos, ao longo da nossa literatura. A pugna razoada arranca, sobretudo, dos dissentimentos, e daí se transpõem as ideias. Pró e contra são, acima de tudo, atitudes passionais. As crenças obrigam as ideias, vestindo de calor a luz que o entendimento vai acendendo para discernir o certo do falso, o justo do injusto, etc.

O século XIII exercitava os polemistas criados pelo ressurgimento e a proliferação das grandes heresias, e logo nesse campo tivemos o primeiro grande combatente oratório, embora em língua latina. Santo António de Lisboa foi tão fervoroso e percutiente no seu purismo predicatório, que pôde ser chamado Martelo das Heresias. Mas o seu ímpeto polémico ainda não é mais que uma página da História das lutas teológicas no seio da República Cristã. Só podemos ti-

rar o caso, para a nossa literatura em linguagem, simples conclusões psicológicas que ajudarão a explicar, porventura, o ardor combativo desenvolvido de pois e, sobretudo, em questões do mesmo terreno. Talvez a maior ortodoxia do santo franciscano repousa na fidelidade contrareformista dos comentários combricenses de Aristóteles, embora a homogeneidade doutrinal destes seja mais especulativa que dialéctica.

Da questão do ensino suscitado dos mestres estrangeiros e estrangeirados do Colégio das Artes, no tempo de D. João III, não nos ficou senão um libelo

inquisitorial, devassa de vida e costumes. Mas já a polémica em torno do *Verdadeiro Método de Estudar*, de Verney, que Hernani Cidade, entre outros, esmerilharam, conheceu lances que ultrapassaram, para dentro do âmbito religioso, as balizas aporéticas dos eméritos: didáctica, espírito científico, estética, linguística, etc. Depois dessa briga letrada só a questão do milagre de Ourique ou polémica de Eu e o Clero tornou, com o volume que lhe deu o nome de *Herculano* e o coro dos seus adeptos, a abalar, largamente, as camadas rontes do eméritos: didáctica, espírito científico, estética, linguística, etc. Depois dessa briga letrada só a questão do milagre de Ourique ou polémica de Eu e o Clero tornou, com o volume que lhe deu o nome de *Herculano* e o coro dos seus adeptos, a abalar, largamente, as camadas rontes do eméritos: didáctica, espírito científico, estética, linguística, etc.

A polémica, porém, é, sobretudo, o polemista. Em literatura, a sua importância real, quase exclusivamente, sobre dois factores circunstanciais ao tema da pugna: a efervescência do combate e as armas dos combatentes: a temperatura da luta e o estilo estratégico da refrega.

Nas primeiras polémicas da literatura portuguesa avulta, sobretudo, a ceulema, a pugna, generalizada a um grupo social, embora já aí se temperem as armas de um estilo vivo e de acção que direi vulgares. Estilisticamente, a função da polémica é tirar solenidade ao discurso, desorientar-lhe dos preceitos regulares da composição, quebrar a unidade escolar e conveniente do vocabulário, da ordem das palavras, da postura retórica. O trovador de escárnio e mal-dizer, defaz a configuração convencional e estratificada do estilo das cantigas de amor e de amigo, e, obrigado pela soltura e variedade dos motivos de troca e «des-cordos», assimila a linguagem trivial, aprende a narrar os baixos feitos com as cruas palavras, dando ao português do século XIII uma desenvoltura que só em Fernão Lopes, Gil Vicente e nalgumas peças do *Concineiro de Resende* voltará a cover-livemente, para logo ser travada pelas disciplinas humanistas e pela escrita plaçada e empolada dos homens do século XVI e dos seus sucessores literários.

O contraste entre a lírica petrarquista, a épica e quase todo o teatro de Camões, a um lado, e algumas redondilhas frescas e directas do grande poeta, a outro, é bem instrutivo a este respeito. A soltura quase enigmática, adalgal e rascante, do estilo epistolar de Camões, parece os trajes menores de um escritor que só gosta de aparecer à luz do Sol de ponto em branco... Não fossem os estímulos e predações de brigas que alimentam a prosa de Vieira — a defesa dos

índios brasileiros, o alerta bélico e diplomático a que a Restauração o obrigou, o partido a tomar no paço e a luta surda contra a Inquisição, além das exigências dialécticas, impugnativas, de um messianismo pluriforme, que ia da interpretação das profecias propícias ao mito do Quinto Império até ao tático aproveitamento das visões sibilinas do Bandarra — e o seu estilo não passaria, talvez, da calma ascensão, já bem apetrechada de nomenclaturas e de conexões expressivas, mas ainda enleada e prudente, que impregna a prosa de Bernardes, Fr. Luís de Sousa e Jacinto Freire.

Nem os Burros e A Besta Escaldada são verdadeiramente peças de uma polémica regular, com campos estremados e botas calculadamente lançadas de um lado a outro, com vista a um ou mais pontos de razão e de fé controversos. São o desafio de uma alma violenta, de um temperamento que erige o seu absoluto critério de verdade: — homem de criação, e por isso mesmo mal-criado... Olhando-se ao aspecto puramente polémico ou assertivo das suas locuções truculentas, a obra de Macedo, o *Padre Lagosta* da intriga absolutista-liberal, não vale talvez a de Fr. Fortunato de S. Boaventura, e certamente a de Gama e Castro do *Novo Princípio* e a do Marquês de Penalba, o comediante autor da *Dissertação a favor da Monarquia*. Aí é que se podem buscar, a justo título, os mestres da Contra-Revolução.

Em Macedo, porém, se não se organiza dialecticamente o libelo conservador e reaccionário do palam convidado a novos rumos, pulsa viva e castiga a cólera popular da nação perturbada no viário das crenças recebidas. Quando Garrett, guiado por um admirável instinto das fontes vivas do falar e do agir português, quis empregar os tons adequadamente casticistas que defendem o novo credo e a futura ordem de coisas anunciada pelo liberalismo, encontrou poucos e fracos acentos naturais nas suas aventuras polémicas do tempo de estudante, a férias nos Açores contra Stockler e, pouco depois, na sua efêmera actuação de jornalista do exílio. Só Camilo, ideologicamente situado a meio caminho do velho e do novo regime, provincialmente livre de gargalhadas de partido, pôde reencontrar, nas suas tundas periódicas contra estes e aqueles, o que Ramalho chamou o seu velho «sarcasmo peninsular» oriundo de Quevedo — e (mais exactamente) a tricuclenta má-língua da cepa do P. Macedo. E' nesse veio satírico e polémico que está grande parte da plasticidade que o português moderno adquiriu para mais felizes cometimentos.

Nem a douta polémica contra o Barbadinho, no século XVIII, ultrapassa a parca esgrima das cláusulas de argumentação. E' preciso que esse século de razão e saber avance, e, com ele, o inconformismo criado pelo influxo progressivo das luzes, para que os portugueses, divididos pela opinião dissidente e pelo descontentamento social, aprendam, de novo, a linguagem da indignação e do improprío. A velha graça «chamorra», que em Fernão Lopes esboça as risadas saudáveis do «comum povo livre e não sujeito» e em Gil Vicente se condimenta de um genial sal de farma, se mal se arredonda, com Sá de Miranda, em fúbulas e chascos de descontente da vida cortesã.

O século XVII terá o seu mais puro má-língua num brasileiro, Gregório de Matos, ao pé de cujas vivazes facécias rimadas *Os Ratos*, o *Poquetório*, o *Hissopo*, todas as sátiras setecentistas não passarão de mequinhos poemas deliberados e com a receita à vista.

São as primeiras lutas de defesa do velho regime contra o novo, que restituirão à polémica nacional a seiva da linguagem plebeia e o vigor das parvoíces brutais mas sinceras. A política, por si, não bastava para fazer do P. José Agostinho de Macedo o grande anergamento que foi. Exigia-se todo o abalo dos usos e costumes, das crenças revestidas de hábitos inveterados, de instituições estratificadas que as ideias novas ameaçavam para mobilizar o ódio e a intolerância que aculam as palavras e obrigam o estilo a descompor-se, a reafirmar-se pela falsa nobreza, desprecupada e correntia.

Nem os Burros e A Besta Escaldada são verdadeiramente peças de uma polémica regular, com campos estremados e botas calculadamente lançadas de um lado a outro, com vista a um ou mais pontos de razão e de fé controversos. São o desafio de uma alma violenta, de um temperamento que erige o seu absoluto critério de verdade: — homem de criação, e por isso mesmo mal-criado... Olhando-se ao aspecto puramente polémico ou assertivo das suas locuções truculentas, a obra de Macedo, o *Padre Lagosta* da intriga absolutista-liberal, não vale talvez a de Fr. Fortunato de S. Boaventura, e certamente a de Gama e Castro do *Novo Princípio* e a do Marquês de Penalba, o comediante autor da *Dissertação a favor da Monarquia*. Aí é que se podem buscar, a justo título, os mestres da Contra-Revolução.

Em Macedo, porém, se não se organiza dialecticamente o libelo conservador e reaccionário do palam convidado a novos rumos, pulsa viva e castiga a cólera popular da nação perturbada no viário das crenças recebidas. Quando Garrett, guiado por um admirável instinto das fontes vivas do falar e do agir português, quis empregar os tons adequadamente casticistas que defendem o novo credo e a futura ordem de coisas anunciada pelo liberalismo, encontrou poucos e fracos acentos naturais nas suas aventuras polémicas do tempo de estudante, a férias nos Açores contra Stockler e, pouco depois, na sua efêmera actuação de jornalista do exílio. Só Camilo, ideologicamente situado a meio caminho do velho e do novo regime, provincialmente livre de gargalhadas de partido, pôde reencontrar, nas suas tundas periódicas contra estes e aqueles, o que Ramalho chamou o seu velho «sarcasmo peninsular» oriundo de Quevedo — e (mais exactamente) a tricuclenta má-língua da cepa do P. Macedo. E' nesse veio satírico e polémico que está grande parte da plasticidade que o português moderno adquiriu para mais felizes cometimentos.

POEMA DA TUA VOZ

Olha o silêncio dos meus olhos
Derramando sombras sobre a au-
[sência...]
Olha o silêncio das minhas mãos
[pendidas]
Como duas flores murchas e esqui-
[leadas]
E deixa tomar o orvalho das
palavras
Sobre o jardim do meu silêncio...
E quando a feiticeira descer, vindo
[da distância]
Trazendo nos dedos longos
O mistério negro transformado em
[ansia]
Deixa que a noite seja a tua voz,
Semeando estrelas,
Em caminhos abertos pela mão
[do sonho...]

TERESA DE MEDEIROS

ANTOLOGIA DE REVELAÇÕES

«ISTO»

E' isto, uma doce mistura
de sonhos e de realidade
do cantar vibrante
da Primavera que chegou há
[muito]

do Verão que brinca e ri e pinta
madrugadas de brinca e mel e brilho
nos olhos do menino
que Deus nos deu por filho...

E' isto como o vento do Outubro
cansado do descanso
a vir mansinho
correr nos nossos dedos
com meiguice de amigo
que partiu e voltou.

E' isto um poema
quase sem cor
mas rumoroso e saudável
como o rir do rapaz que faz anos
e lancha e ceia
um pote de compota, a pingar que

[teia];
e tem na madrugada que procede
olhos como os «dele»
do menino,
a filtrar as estrelas.

No corpo que aqui tenho
que meço os meus braços
inquietos e puros,
braços de Mãe a amar,
para as águas gigantes
com trócos de casca.

Neste corpo, vejo-te a ti
a carter em espelho.
Escaldante e cansado
na sétima noite...

...Miradas de beijos...
Tu és um arco de palmeira
em brasa.
O corpo e o coração
estalam em lumes de desejos
num só desejo de poder —
poder para dar,
numa estranha conquista mas-
[culina].

Nos meus braços
o meu corpo e o teu
formam um todo
em ponto pequenino

E' isto
que em mistura tal
dá conflitos vagos, aflições tre-
mendas
que treme por receio de desistir
de vez;
que se emburra na rede
de vestais imbuídas
mas que sobe a seguir
a altos céus mais limpos.
...Dá-se o nome de amor
a isto amor, só isto...

LANA SEIRA

Correspondência e sugestões
críticas

ANTÓNIO CARVALHO POM-
BO — Não ponho em dúvida a
autenticidade do soneto «Ódio
modificado», que pretende ver
publicado nesta secção; tem, na
verdade, qualidades assinaláveis;
mas, como soneto é como alexan-
drino, é formalmente imperfeito,
sobretudo na acentuação predomi-
nante da segunda quadra e do
primeiro terceto. Estude as re-
gras, métricas e sílabas, dos
versos de doze sílabas.

ABEL V. MIRANDA — Apre-

senta o seu po-ma, independentemente de outros méritos, uma curiosa estrutura rítmica e um sistema intercalado de descrição e introspecção que, no conjunto, lhe dá verdadeira originalidade. O poder de expressão não é, porém, suficientemente rico para acompanhar o interesse arquitectural da poesia.

ANTÓNIO CORREIA DE MORAIS — Estes trabalhos são qualitativamente inferiores àqueles a que se refere, motivo por que não atendemos, por enquanto, o seu pedido.

J. FERNANDO RIBEIRO — Se desmentarmos a insuficiência das rimas (ex. ado, ente...) e o preciosismo de certas palavras encaixadas à força (etéreo, refrigerio...) talvez seja possível dar uma «nota positiva» a este soneto. Pouco acima dos 10 valores, porém.

MADEIRA PICARRA — Sim, pode aventurar-se nos domínios da reportagem, pois não lhe faltam qualidades para esse género; se nos permite um conselho, procure — entretanto — fugir das fórmulas verbais já gastas e re-gantas pelo uso. De menos valente ao lugar-comum, aproveitando melhor o seu poder descriptivo e os belos recursos de que já dispõe.

E. ARAUJO — No estado actual da sua evolução literária, deve procurar, principalmente, ler bons autores em exclusão dos mais modernos.

JOSEFINA ABREU — Infelizmente, não encontramos, no horizonte dos seus versos, a tal «luzinha» em que nos fala. E' tudo muito escuro. Não se consegue ver coisa alguma — nem sequer gramática.

Toda a correspondência deve ser endereçada a M. T. «Antologia de Revelações», «Diário Popular», Rua Luz Soriano, 67 — Lisboa.

GRANDE ÉXITO LADRÕES DE BICICLETAS DE

LUIGI BARTOLINI
O famoso romance que serviu
de argumento para o filme

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
GUIMARÃES & C.ª EDITORES — Rua da Misericórdia, 68



O sr. comandante Américo Tomás, Ministro da Marinha, com o Embaixador britânico, o almirante «Sir» Philip Vian, e o comandante do «Vanguard», durante a visita de cumprimentos àquele membro do Governo

AS DECLARAÇÕES

DO ALMIRANTE «SIR» PHILIP VIAN À IMPRENSA PORTUGUESA

O almirante «Sir» Philip Vian recebeu esta tarde, a bordo do «Vanguard» os representantes da Imprensa, aos quais manifestou o prazer que lhe dava poder ajudá-los no navio de guerra mais poderoso da Esquadra Britânica. E acrescentou:

«Esta visita da Imprensa, que muito aprecio, dá-me a oportunidade de exprimir por intermédio dela ao povo português, a nossa funda satisfação por estarmos aqui e o apreço em que temos a calorosa hospitalidade que nos é dispensada tão pouco tempo depois da visita da Esquadra canadiana, bem como a forma por que têm sido acolhidos os navios da minha Esquadra em portos portugueses durante os últimos dois meses.»

Referiu-se depois ao facto de a visita do «Vanguard» coincidir com as comemorações da Restauração da Independência de Portugal e disse que, como já foi anunciado, a banda dos Fuzileiros Navais participará, depois de amanhã nas celebrações, executando a marcha real.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efeitos	Câmbio	Moedas
Fundo do Estado			
Cons. 2 3/4 T. 10...	6408	6408	6408
Cons. 3 1/2 T. 10...	71383	71383	71383
Cons. 3 1/2 T. 10...	8048	8048	8048
Cons. 4 1/2 T. 10...	13604	13604	13604
Ob. Tes. 2 1/2, 932	9706	9706	9706
Ob. Tes. 2 1/2, 944	9706	9706	9706
Ext. 1.ª ser.	12108	12108	12108
Ext. 2.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 3.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 4.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 5.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 6.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 7.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 8.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 9.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 10.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 11.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 12.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 13.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 14.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 15.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 16.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 17.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 18.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 19.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 20.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 21.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 22.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 23.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 24.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 25.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 26.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 27.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 28.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 29.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 30.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 31.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 32.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 33.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 34.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 35.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 36.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 37.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 38.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 39.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 40.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 41.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 42.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 43.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 44.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 45.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 46.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 47.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 48.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 49.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 50.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 51.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 52.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 53.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 54.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 55.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 56.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 57.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 58.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 59.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 60.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 61.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 62.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 63.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 64.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 65.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 66.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 67.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 68.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 69.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 70.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 71.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 72.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 73.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 74.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 75.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 76.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 77.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 78.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 79.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 80.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 81.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 82.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 83.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 84.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 85.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 86.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 87.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 88.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 89.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 90.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 91.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 92.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 93.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 94.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 95.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 96.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 97.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 98.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 99.ª ser.	13008	13008	13008
Ext. 100.ª ser.	13008	13008	13008

Soc. Cambista José Bonniz

Moedas, barras, ouro e prata
Notas estrangeiras e títulos de crédito
Endereço telegráfico: ZINOB
R. RUA AUGUSTA, 55 - Telef. 2 890

NOTÍCIAS DA CAPITAL E PROVÍNCIA

A VISITA DO COMANDANTE-CHEFE DA «HOME FLEET»

(Continuação de 1.ª pág.).
passar em frente de Belém, ouvindo-se, então, os acordes da «Portuguesa», executada pela banda de bordo. A saudação amiga, a bateria do Bom Sucesso, correspondeu com as salvas da ordenança.

Entretanto, no cais da estação marítima de Alcântara, a cuja muralha os navios ingleses iam atracar, encontrava-se já grande numero de pessoas e, entre elas, os srs. capitão-tenente Flávio de Sousa, comandante da Polícia Marítima, e capitão Jaime da Fonseca, director dos Serviços de Polícia do Porto de Lisboa.

Desfilando suavemente, a massiva imponente do couraçado britânico, foi-se libertando da bruma e, cerca das 8 e 20, a poderosa nave surgiu em toda a sua majestade e já batida pelo sol, frente à «garra» marítima, arvorando a insígnia do almirante-chefe. Começou, então, a manobra de atracação, com o auxílio do rebocador «D. Luís» e doutra embarcação do mesmo tipo.

Eram 8 e 40 quando o couraçado atracou, a proa de leste, e logo surgiu o «St. James», que foi encostar à muralha, à proa do navio-chefe da «Home Fleet». A bordo de ambos os navios, foi o oficial português de ligação, sr. capitão de mar e guerra Luís de Freitas Oliveira Lima, que se apresentou ao almirante britânico e aos comandos das unidades. E, às 9 e 30, o aviso «Pedro Nunes», arvorando a insígnia do comodoro naval da Metrópole, saudou a insígnia do comandante-chefe da «Home Fleet» que correspondeu o «Vanguard».

A bordo do couraçado, entrou, depois, o conselheiro geral da Grã-Bretanha em Lisboa, sr. Henderson, que cumprimentou o almirante «Sir» Philip Vian e foi saudado, à saída, com uma salva de 13 tiros.

No convés formou, às 10 horas, uma força de infantaria de Marinha, com os seus capacetes brancos e a banda de bordo, que prestou as honras do estado ao comandante-chefe, quando este deixou o navio para se dirigir à Embaixada do seu país.

As visitas de cumprimentos ao chefe do Estado, ao Presidente do Conselho e aos Ministros da Marinha e dos Estrangeiros.

A's 10 e 30, o almirante inglês, acompanhado de «Sir» Nigel Ronald, o comandante-chefe da «Home Fleet», foi ao Palácio Nacional de Sintra, em honra do comandante-chefe da «Home Fleet», que, a noite, retribuiu a homenagem com um banquete, a bordo do «Vanguard».

Logo que a flotilha portuguesa fundou no quadro dos nossos navios de guerra, o sr. capitão de fragata Newton da Fonseca, comandante do «Diogo Gomes», e os capitães-tenentes srs. Castro e Silva, chefe do seu Estado-Maior; Ferreira e Oliveira, e Henriques Jorge, comandantes dos «torpedeiros» «Douro» e «Dão», foram apresentar-se ao Ministério da Marinha. Toda a oficialidade e equipagem dos navios portugueses manifestaram grande satisfação pela forma honrosa e gentil com que foram recebidas na base de Gibraltar, tendo-se em destaque o alto interesse dos exercícios realizados com a «Home Fleet», tanto na zona da referida base como nas fases de navegação em mar. Esse contacto íntimo com a Marinha de guerra inglesa foi das maiores vantagens e correspondeu às melhores perspectivas.

Também as autoridades navais britânicas chegaram a Lisboa, e em especial o almirante «Sir» Philip Vian, que o oficial de ligação português, sr. capitão de mar e guerra Luís de Freitas Oliveira Lima, que o frizou durante a visita ao Ministério da Marinha, afirmaram terem os exercícios decorrido com óptimos resultados, salientando a magnífica colaboração dos navios de guerra portugueses e apreciando elogiosamente o trabalho das respectivas equipagens.

Um banquete na Embaixada britânica em honra do Almirante «Sir» Philip Vian. A oficialidade do «Vanguard» e do «St. James» é oferecido, no Royal British Club, às 18 e 30, um «cocktail-party».

ESTÉ JORNAL E TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DOS TAP

NOTÍCIAS DO EXTERIOR

A GUERRA NA COREIA

O MOVIMENTO DE RECUL DAS TROPAS DE MAC ARTHUR PARA UMA LINHA PRÉVIAMENTE FIXADA

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

TOQUIO, 29. — O comunicado n.º 684, distribuído, esta manhã, pelo Grande Quartel Geral de Mac Arthur informa:

1.º — O ritmo da ofensiva comunista acelerou-se em 28 do corrente.

2.º — O recuo das forças das Nações Unidas para uma linha determinada efectua-se satisfatoriamente.

A AMÉRICA VA INSISTIR POR UMA DECISÃO ENERGICA NA SESSÃO DE HOJE DO CONSELHO DE SEGURANÇA DA «ONU»

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

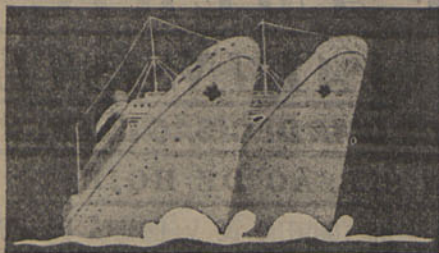
LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

LAKE SUCCESS, 29. — Espera-se que os Estados Unidos insistam por que se tome uma decisão energética sobre a intervenção da China, na Coreia, numa sessão crucial do Conselho de Segurança, que hoje vai realizar-se.

FRATELLI GRIMALDI - Armatori



Para Funchal, LA

GUAIRA e CURAÇÃO

«URANIA II»

em 19 de Dezembro

Para Funchal, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires

«AURIGA»

em 5 de Dezembro

Recebem passageiros e carga

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES, C.ª, L.ª DA
15 - RUA DOS FANQUEIROS - TEL. 21143-21789

SENHORES AUTOMOBILISTAS DA ESTEFANIA

Temos o prazer de informar V. Ex.ªs que já se encontra em plena laboração a ampla garagem

AUTO FAIAL, LIMITADA

RUA CIDADE DA HORTA, N.º 56-A - 56-C - 56-D
(Junto ao Jardim)

pelo que agradecemos a vossa inserção

As mais modernas ESTAÇÕES DE SERVIÇO PERMANENTE para Automóveis e Camions, com pessoal devidamente habilitado

AQUECIMENTO CENTRAL

Pelos sistemas mais modernos, queimadores para todos os fins queimando «Nafta», cujo preço é \$70 o quilo. Instale um queimador e terá a certeza de obter uma grande economia em combustível, aliada a um grande conforto. Orçamentos grátis. Vistorias a preços reduzidos.

J. RODRIGUES

Av. da Liberdade, 224, cave, dt.ª - Tel. 44121 - Lisboa

SUNVIC

- TERMOSTATOS
- CONTROLE TERMOSTÁTICO
- REGULADORES DE ENERGIA
- INTERRUPTORES E RELAYS
- NO VACUO



Para aplicação na indústria, laboratórios científicos e usos domésticos.

SOLICITE electrom LITIMEX
LARGO DO DIRECTÓRIO, 6 - LISBOA

DOMINGO, 3 DE DEZEMBRO

EXCURSÃO DA C. P.

CASTELO BRANCO

ESC. 120900

Partida da estação de Lisboa-Rossio às 8-40.
Retorno à mesma estação às 0-35.

Venda de bilhetes na Secção de Informações da estação de Lisboa-Rossio (Telef. 33180 e 33185) e na Agência «Wagons-Lits» - Avenida da Liberdade, 97 (Telef. 31791).



PARA OS ENTENDIDOS...

...os mediadores precisam de uma palavra de ordem: «MEDIADOR»...
De mesmo nome os livros «MEDIADOR»...
...adquiridos pela editora desta edição...
...de uma palavra de ordem...

PARA OS ENTENDIDOS...

COMARCA DE LISBOA

2.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Por este meio se anuncia que por este Juízo e Primeira Secção, no dia treze de Janeiro, às catorze horas, nos autos de acção sumária, em execução de sentença, em que é exequente a Sociedade Industrial de Imprensa e é a Sociedade Comercial Meyrelles & Companhia na loja do prédio número duzentos e setenta e três da Avenida Cinco de Outubro, frequência de Campo Grande, se há de proceder à arrematação em hasta pública, pelo maior lance oferecido acima da avaliação, de vários bens móveis, bem como o direito ao arrendamento e transpasse do estabelecimento comercial sito na referida Avenida Cinco de Outubro, número duzentos e setenta e três, loja.

O Chefe da 1.ª Secção - (a) José Martins Seruca.
Verifiquei - O Juiz de Direito - (a) Raul Antero Correia.

VISITE FÁTIMA NOS DIAS 13 E EM TODAS AS QUIN.

TAS-FEIRAS
onde pode permanecer 2 horas

Combóio rápido em ligação com a camionagem na estação de

CHÃO DE MAÇAS

Preço Esc. 125840 (em 2.ª classe, incluindo a camionagem)

HORÁRIO
Partida de Lisboa-Rossio às 8-40

Chegada a Fátima às 11-20

Partida de Fátima às 13-30

Chegada a Lisboa-Rossio às 17-38

DL. 1 A 15 DE MAIO ESTE SERVIÇO É DIÁRIO

SENHORES AUTOMOBILISTAS

O PANO COURO 15 V E O TECIDO LACADO LAVAVEI 2 O MELHOR QUE HÁ PARA ESTOFOS e CAPAS
A preços convidativos na SECÇÃO DE ESTOFADOR da garagem de Santa Luzia - Rua D. Estefânia, 111 - Telefones 42290 e 42277, onde existe um MODELAR SERVIÇO DE ESTOFADOR e PINTURA. Dirija as Secções o conhecido técnico

ALBINO J. FERREIRA

SIDARMA-ITALNAVI



SERVIÇO REGULAR

Para FUNCHAL

O PAQUETE RÁPIDO

«LUCIANO MANARA»

esperado em 6 de Dezembro

Recebe passageiros em 1.ª e 3.ª classes

OS AGENTES

CARLOS GOMES & C.ª, LD.ª

15, RUA DOS FANQUEIROS - Telef. 21143-21789

Saldos! Muitos saldos!

«ZÉCA»

DURANTE SÓ ESTA SEMANA SALDAM-SE MILHARES DE PARES DE CALÇADO

ZÉCA

RUA MORAIS SOARES, 123

APRENDA RÁDIO

TELEVISÃO e ELECTRONICA. Nosso curso oferece-lhe as maiores vantagens ao menor preço, incluindo AULAS PRÁTICAS. Peça folheto grátis e ilustrado à:

RADIO ESCOLA

Director: ALVARO TORRÃO

Sede, Laboratórios e Serviços Técnicos
Rua Alves Torgo, 103, 2.ª, Esq. - LISBOA

Agenda de Lisboa

Farmácias de serviço esta noite

TURNO J - Marques, Estr. de Benfica, 648 (Tel. 55-096); Alegria, Estr. de Benfica, 277-281 (Tel. 55-511); Leal do Mato, R. de Neves Costa, 35-36 (Carnide) (Tel. 55-181); Canto, Estr. das Lanchas, 202-B (Tel. 55-641); Patuleia, R.ª, R. do Lumiar, 123-124 (Tel. 78-332); Ascesso, Rua 19, Bairro da Encarnação; Alvalade, Av. da Igreja, 18-19; Bairro de Alvalade; R. Ribeiro, Campo Grande, 138 (Tel. 74662); Prates & Moça, R. da Beneficência ao Rego, 91-93 (Tel. 73723); Vale Av. do Marquês de Tomar, 45-49 (Tel. 73043); Lourenço, Av. da República, 55-A (Tel. 72132); Novil, R. de Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 43438); Ducal, Av. do Duque de Coudel, 19 (Tel. 48945); Oliveira (dos), R. de Alves Gouveia, 19; Marvila (de), R. Direita de Marvila 84; Banha, Estr. de Chelas, 173-175; Brito, R. do Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 31425); Anunciada, R. do Vigário, 74 (Tel. 32760); Progressiva, R. de Santa Maria, 18 (Tel. 27829); Gossil, R. do 4 de Agosto, 22 (Tel. 41912); Imperial, Av. de Guerra Junqueiro 22-C-D; Ripado, Av. do Almirante Reis, 88-C (Tel. 44173); Fonseca, L. de D. Estefânia, 6; Cabral, Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade; Urbano de Freitas, R. de Silva Carvalho, 1-9 (Tel. 62638); Alb. R. de Santana, à Lapa, 158 (Tel. 63562); Moitena, R. de Garcia da Horta, 24 (Tel. 5117); Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (Tel. 33356); Higilux, R. de Figueira, 50-52 (Tel. 37250); Ester Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (Tel. 17553); Correia de Azevedo, R. de Luís de Camões, 46 (Tel. 30023); Leisada, R. de Olival, 228 (Tel. 62441); Moreira, R. de S. Bento, 380 (Tel. 61631); Aço-reana, L. do Conde Barão 2 (Tel. 31330); Tavares, R. da Palma, 194 (Tel. 37250); Pichard, R. da Rosa, 94-96 (Tel. 21534); Formosinho, P. dos Restauradores, 18 (Tel. 30977); Normal, R. da Prata, 220 (Tel. 31242).

Museus

Enológico do L. Leite de Vasconcelos, Belém, Arqueologia e Etnologia, das 11 às 17 horas.
Bordalo Pinheiro - Campo Grande, 230, das 17 às 18 horas. Fechado às segundas-feiras.
Nacional de Arte Antiga - Rua das Janelas Verdes.
Nacional de Arte Contemporânea - Rua de Serpe Pinto, 6, das 11 às 17 horas.
De João de Deus - Avenida de Pedro Álvares Cabral.
Torre de Belém - Dias uteis, das 10 às 18 horas.
Agrícola Colonial, das 12 às 17 horas, excepto às segundas-feiras.
das 12 às 17 horas.
Nacional dos Coches, das 11 às 17 horas, excepto às segundas-feiras.
De Paula Camões (Avenidas do Mar).
das 14 às 18 horas. Entrada gratuita aos domingos e quintas-feiras.
Militar - Largo do Museu de Artilharia. Todos os dias, excepto às segundas-feiras, das 12 às 16 horas.
Igreja da Madriz, de Deus, e Xabregas, dias uteis, das 11 às 17 horas.
Sociedade de Geografia. Aos domingos, das 11 às 16 horas.
Da Cidade, no Palácio da Mitra, ao Povo do Bazar. Todos os dias, das 12 às 17 horas, excepto às segundas-feiras.
De Arte Popular, em Belém, das 12 às 18 horas, excepto às segundas-feiras.
As quintas-feiras, entrada gratuita.
Numismático, Portugal, na Casa da Moeda. As quintas-feiras e sábados, das 12 às 18 horas e das 14 às 17 horas.

Mares de amanhã

Luz cheia. Prela-mar, 6,20 e 16,00. Baixa-mar, 12,12.

Boletim Meteorológico

Previsão do tempo para amanhã: Céu de nebulosidade variável. Vento E a moderado do quadrante noroeste. Temperatura sem grande alteração.

TRANSPORTE DE CAL

pelo Caminho de Ferro
O transporte de CAL para usos AGRÍCOLAS, e consignação de sacas de adubos ou Grelhões, é feito a PREÇOS REDUZIDOS.

ANTÓNIO MARQUES FALECEU

Beatriz da Costa Carneiro Marques, seu filho e mais família participam o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 e 30 horas, da Capela do Desterro (Rua Nova do Desterro) para jazir no cemitério do Ato de S. João.

AGENCIA ALMEIDA

VIAGENS A ROMA

ANO SANTO

A C. P.

concede reduções tanto em viagens INDIVIDUAIS como em GRUPO nos portadores de «CARTA DE PEREGRINO».

VIM PARA A REVISTA PORQUE SOU ACTRIZ E GOSTO DE TRABALHAR —DISSE-NOS MADALENA SOTTO QUE SE ESTREIA NA PEÇA «SEMPRE EM FESTA!» QUE ESTA SEMANA VAI À CENA NO VARIEDADES



A actriz Madalena Sotto, no seu camarim, no Teatro Variedades, num intervalo dos ensaios da revista «Sempre em Festa!»

Lembram-se da «Menina de Oliveira de Azeméis»?... Era uma rapariga azougada, muito loura e olhos infinitamente azuis, que há uma dúzia de anos, sem ninguém a conhecer e sem trazer recomendação nenhuma, chegou a Lisboa «para fazer cinema».

Vinha da Figueira da Foz, onde recolara já magníficas qualidades de comediante incipiente em teatrinhos de amadores e na protagonista «campêresca» de um filme, cuja acção decorria na aquela linda praia atlântica — mas que não chegou a concluir-se...

Era Madalena Sotto. Bonita, elegante, o cérebro povoado de sonhos e uma vontade decidida de vencer, entrou uma tarde na Redacção do «Século Ilustrado» para falar com Leão de Barros. Levava debaixo do braço um volumoso álbum de fotografias — e nos lábios um sorriso que encantou aquele cineasta.

O realizador de «A Severa» tinha, então, em mãos a planificação da comédia cinematográfica «A Varanda dos Rouxinóis», mas faltava-lhe ainda a «cvedeta» para o seu novo filme. Olhou Madalena Sotto, mirou-a e remiou-a. Fez-lhe uma enaguailha inteiramente nova. Submeteu-a a um «teste fotográfico», ouviu-a — e aprovou-a!

No número da semana seguinte, aquele popular «magazine» ilustrado, que Leão de Barros dirigia há doze anos, lançava aos quatro ventos da publicidade o nome de Madalena Sotto, reproduzindo as fotografias do seu álbum e ilustrando a reportagem da nova «revelação» do cinema português com imagens que transformavam a expressão fisionómica da gentil artista e lhe davam uma personalidade inteiramente diferente. E, como Madalena era de Oliveira de Azeméis, o seu nome foi, então, apreçoado como o da «Menina de Oliveira de Azeméis» que veio a Lisboa para fazer cinema.

Assim nasceu uma artista. Do cinema, Madalena Sotto saltou para o teatro de declamação. O resto era com ela. Este «restos» significava talento, mocidade, vocação, que chegavam e sobejavam, e, por isso, o seu nome passou, breves trechos, a fulgurar em letras de ouro à frente dos elencos de companhias, em comédias e alta comédia, que Madalena nunca mais deixou de interpretar.

«Trabalhar em revista é uma emoção nova na minha carreira de actriz.»

Perdão... Deixou agora. E este introito veio, precisamente, a propósito da estreia de Madalena Sotto na revista «Sempre em Festa!»

Festa! que esta semana sobe à cena no Teatro Variedades.

Pomos surpreender a distinta actriz no seu camarim, num intervalo dos ensaios da nova revista do elegante Teatro do Parque Mayer.

Madalena Sotto reconheceu o jornalista através do espelho do tocador, mostrou o seu sorriso numa expressão inusitante e disse-nos logo:

— Como vê, cá estou!...

— E porque veio para o teatro de revista?

— Ora! Porque sou actriz e gosto de trabalhar. E como sou actriz e gosto de trabalhar e não temos em Portugal teatro declamado, faço teatro musicado. A explicação é simples, como vê!...

E não estranhou a mudança de ambiente.

— Não senti, creia, mudança nenhuma. O teatro, a «caixa», os camarins, são, no fim de contas, os mesmos, seja para fazer declamação, seja para fazer revista... E, se, realmente, houvesse qualquer diferença, os meus colegas da revista «Sempre em Festa!» tê-la-iam feito desaparecer, tão amáveis e gentis têm sido comigo. Estou sensibilizada com tantos testemunhos de camaradagem e simpatia, que vim encontrar no Variedades.

— E gosta de fazer teatro de revista?

— Gosto. É uma emoção nova na minha carreira de actriz. Sinto, até, que podia fazer mais, quero dizer não ser apenas uma actriz de declamação que se integra num elenco de revista...

— Mas está contente — com os seus papéis?

— Oh, muito! Desde o quadro de abertura, em que interpreto a «Santa Alegria», acompanhada por um gracioso friso de «girls», até aos dois duetos com Mirita e Costinha, os meus números são muito bons. Creio que o público vai estar de acordo com a minha opinião...

— Temos, portanto Madalena Sotto no teatro de revista. É a primeira grande novidade da época... — disse-nos, para rematar a conversa com a simpática e elegante artista.

E Madalena, que tinha de voltar para o ensaio, retorquiu-nos, sorridente e intencional:

— Se ser actriz é exercer uma profissão e fazer revista também é fazer teatro, eu estou no meu lugar de actriz.

IGREJA EVANGÉLICA

Na Casa de Oração da Igreja Evangélica, Travessa de Santa Catarina, 3, r/c, efectua-se amanhã, pelas 21 horas, uma conferência do sr. Dr. Lothar Thomas, professor do Seminário Evangélico de Caracallos, sobre «O cristão em face da técnica».

ESTÁ ABERTA

A AUDIENCIA...

Foi condenada na Boa Hora a quadrilha composta de mulheres que se dedicava aos roubos em ourivesarias.

No 1.º Juízo Correccional da Boa Hora, a que preside o sr. dr. Pedrosa Ferreira, foi julgada aquela quadrilha de «gatas especializadas» em roubos de ourivesarias. A «mecânica» usada para «enganar» consistia no seguinte: entravam duas mulheres nos estabelecimentos, uma nova e insinuante, e outra mais velha, que fazia de «mãe». Enquanto a «menina», sorridente, ouvia os «epitafios» dos caixeiros, a «mãe» ia «trabalhando» no serviço de «limpeza». Por este processo, foram roubadas muitas ourivesarias, em anéis, escravas, pulseiras, medalhas, etc., objectos estes que depois eram empenhados ou vendidos, por qualquer preço.

Nos debates, tomaram parte: na acusação publico o sr. dr. Melo Franco; e na defesa, os sr. dr.ªs Emilia Fernandes, Maria da Glória de Vasconcelos e os sr. drs. Eduardo Fernandes, António Homem de Melo, Carlos Homem de Sá e Miguel Gonçalves.

A sentença, que constitui um longo documento discriminando os casos e as respectivas responsabilidades, condenou: Clotilde dos Santos Marques, em 12 meses de prisão correccional e 3 anos de multa a 20\$000 por dia; Hermengarda da Costa Rodrigues, em 10 meses de prisão e 14 meses de multa a 1\$500 por dia; Clotilde de Assumpção Rodrigues, em 5 meses de prisão e 5 meses de multa a 1\$500 por dia; Maria Aneliia Rodrigues da Silva, em 7 meses de prisão e 5 meses de multa a 1\$500 por dia; Adélia Tomas Ferreira, em 12 meses de prisão e 3 anos de multa a 20\$000 por dia; e Herminia dos Santos Marques, em 12 meses de prisão e 3 anos de multa a 1\$500 por dia. Os cúmplices foram condenados nas seguintes penas: José de Matos Vieira, em 20 dias de prisão e 300\$000 escudos de imposto de justiça; Firmino dos Santos, em 12 dias de prisão, substituídos em igual tempo a 20\$000 por dia e 300 escudos de imposto; e Domingues Nunes, em 12 dias de prisão e 200 escudos de imposto.

Foram absolvidos do crime de furto: Fernando dos Santos e Delmira Teixeira Pinheiro. Esta última foi condenada por ter agredido a Clotilde num dos momentos da acusação, quando das investigações no Tórel, em 20 dias de prisão e 3 dias de multa a 7\$500, com a pena suspensa por três anos. A cada uma das mulheres foi aplicado o imposto de justiça de 500 escudos.

As rés Clotilde Marques e Adélia Ferreira foram declaradas delinquentes habituais, pelo que, depois de cumprida a pena, serão entregues ao Governo. Todas as condenadas são solidárias nas indemnizações aos queixosos.

Quadrilha!

Trepasaram-lhe o estabelecimento durante a sua ausência

Apresentou queixa na Polícia Judiciária o sr. Augusto Monteiro Alvarez, de nacionalidade espanhola, indicando, em um indivíduo cujo nome indicou, a quem, em 1937, quando teve de seguir para Espanha, a fim de cumprir serviço militar, confiou o seu estabelecimento de carvoaria e vinhos, na Travessa do Olival, 38.

Regressando a Portugal, teve a surpresa de saber que o referido indivíduo trepassara, em 1948, o estabelecimento por 90 contos, não lhe prestando contas, nem da loja nem do recheio que deixara, e que avaliava em 50 mil escudos.

Condenados por se queixarem sem fundamento e por má fé

Por se terem queixado no Tórel sem fundamento e por má fé, foram condenados ao pagamento de 200 escudos, que reverterem para os cofres gerais do Tribunal, Maria Joaquina, largo de Santa Marinha, 38, e Hipólito da Alegria e Oliveira, rua do Póço dos Negros, 20, 1.º, o último dos quais por despeito de uma mulher com quem vivia o haver deixado, a acumula de se ter apoderado de vários objectos.

BOLSAS DE ESTUDO

O «Diário do Governo» publica hoje a relação dos alunos liceais a quem foram concedidas bolsas de estudo.

OS PRÓXIMOS 5 OU 6 DIAS SERÃO DECISIVOS PARA AS FORÇAS DA «ONU» NA COREIA E TALVEZ PARA A PAZ MUNDIAL

WASHINGTON, 29. — A situação internacional atingiu um grau de acuidade que ainda se não viu até agora, desde que terminou a segunda guerra mundial.

Nos círculos responsáveis desta capital, ao emitirem esta opinião, dizem entender necessário que as Nações Unidas actuem muito depressa para se evitar um grave desastre na Coreia.

O novo ministro da Colômbia entregou as suas credenciais ao Chefe do Estado

O novo Ministro da Colômbia em Portugal, entregou esta tarde, ao Chefe do Estado, as suas cartas credenciais. Aquele diplomata chegou ao Palácio de Belem cerca das 15 horas acompanhado pelo sr. dr. Henrique Viana, director do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, sendo recebido pelo sr. comandante Nuno de Brion, ajudante de campo do sr. Marechal Carmona.

Na sala das recepções o sr. Presidente da Republica estava acompanhado pelo sr. prof. dr. Paulo Cunha, Ministro dos Negócios Estrangeiros; comandante Jaime Athias, secretário geral da Presidência; e membros das suas Casas Militar e Civil.

Após a entrega das credenciais, o sr. Ministro da Colômbia teve uma curta conversação com o Chefe do Estado.

O PROF. QUEIRÓS VELOSO FOI HOMENAGEADO PELO GRUPO DOS «AMIGOS DE OLIVENÇA»

Na Casa do Alentejo efectuou-se, hoje, a reunião do Grupo dos «Amigos de Olivença», destinada especialmente a prestar homenagem ao seu presidente, sr. prof. dr. Queirós Veloso, por motivo da passagem do seu 90.º aniversário. Devido ao estado de saúde, o homenageado não pôde comparecer, facto que se regista pela segunda vez, desde a fundação do Grupo.

Presidiu o sr. general Raul Esteves, ladeado pelos sr. drs. Marques de Rio Maior e dr. Damas Rosa e Vitor Santos.

Foi orador da tarde o nosso prezado colaborador sr. prof. dr. Hernani Cidade, que fez o elogio do homenageado, principiando por lembrar os tempos em que o conheceu como seu professor no antigo Curso Superior de Letras, fazendo parte de uma pleiade de sábios e escondendo na sua actividade burocrática do professorado uma soma de trabalho viçoso e inteligente, que mais tarde o havia de revelar como um dos mais notáveis investigadores da História de Portugal.

O ilustre orador pôs em evidência os dotes de carácter e pureza intelectual do sr. prof. Queirós Veloso, cuja vida constitui uma sábia lição da aliança íntima e permanente entre a máxima probabilidade de inteligência e as mais simpáticas virtudes de carácter.

A palestra do sr. prof. Hernani Cidade foi comentada pelo sr. Cruz Filipe.

GÊNEROS COLONIAIS

PARA A METRÓPOLE

Vindo de portos da Africa occidental, chegou hoje ao Tejo o navio-motor «Ambritez», que trouxe um importante carregamento de géneros coloniais, figurando, entre os mais importantes, agucar, milho, coques e cocoate. Em Leixões, onde o navio esteve primeiramente, deixou também importante carga, entre ela 5.000 toneladas de agucar.

Os dirigentes americanos, sem que pretendam antecipar-se às decisões que hão-de tomar-se na «ONU», mas sabedores de que os próximos cinco ou seis dias serão decisivos para as forças da «ONU» na Coreia, e talvez para a paz mundial, encaram desde já as disposições que seria conveniente tomar para deparar o novo agressor, cujas forças, hão-de duzentos mil homens, podem rapidamente aumentar para efectivos de trezentos mil soldados.

Para esse efeito, se reuniu ontem à tarde o Conselho Nacional de Segurança, sob a presidência de Truman.

Ouviu a exposição do general Bradley, Chefe da Junta de Estado-Maior, a respeito da evolução da situação militar, e tomou conhecimento dos últimos telegramas recebidos do Quartel General de Mac Arthur. Com base nesses elementos, o Conselho certamente elaborará o plano de contra-offensiva que o delegado americano hão-de apresentar na devida oportunidade à apreciação das Nações Unidas.

Haverá, ainda, possibilidade de uma solução diplomática?

Os observadores americanos fazem notar que o comando das Nações Unidas se encontra reduzido à impotência, pois não pode atingir o inimigo nos pontos vitais. Por consequência, os dirigentes americanos desejariam que se conferissem a Mac Arthur poderes mais vastos.

No entanto, os observadores não deixaram de notar que o delegado americano na «ONU», Warren Austin, nas declarações que proferiu em Lake Success, foi muito moderado em comparação com os dirigentes americanos.

Estes dizem também que a opinião publica americana está deveras excitada contra a China.

Mas a eventualidade de uma guerra contra a China, que poderia ter de ser conduzida em duas frentes, Indochina e Coreia, como por diversas vezes tem feito notar o Secretário de Estado Dean Acheson, e o Presidente Truman, suscita as mais graves apreensões.

Por isso, o delegado americano tem a missão de fazer o impossível para convencer os delegados que o Governo comunista chinês enviou a Lake Success de que a «ONU» não tem intuições agressivas relativamente à China, e para os convencer também de que a China deve fazer retirar as suas tropas de um teatro de operações para o qual as enviou em virtude da propaganda soviética.

Será ainda possível uma solução diplomática? E se for, não virá tarde demais? Estas são perguntas que se fazem com real ansiedade. — (F. P.)

A FARTURA DE PEIXE CONTINUA A SER GRANDE

Continua a verificar-se abundância de peixe e a consequente baixa de preços na lota. Hoje venderam-se 142 toneladas, ficando para amanhã 267 a juntar à carga de três barcos que são esperados. Como de costume, centenas de indigentes e casas de caridade, foram hoje contemplados com peixe oferecido pelo Grémio dos Armadores, ao mesmo tempo que as brigadas da Intendência vigiavam as vendas para, na rua, observar e reprimir as altas injustificadas na venda ao público.

INSTITUTO FRANCES EM PORTUGAL

No próximo dia 2 de Dezembro, pelas 17 e 30, haverá uma reunião na sala da biblioteca do Instituto Francês, em Portugal. O prof. Henri Guérin, de Sorbom, falará sobre «Aspectos do bergsonismo».

LIMITES E LIMITAÇÕES À SITUAÇÃO AMEAÇA DA CRÍTICA DE ARTE INTERNACIONAL DE PEQUIM

(Continuação da 4.ª pag.)
blichkeit, que se felicita ou acusa de incompreensão, quando louva — ou critica. No fundo, o serviço mais sério que as opiniões do crítico podem prestar ao artista, é proporcionar-lhe as vantagens de uma perspectiva e de uma desintegração que o artista, demasiado incorporado na sua obra, está na impossibilidade de possuir. Quanto ao resto, e sem falar das caricaturas da situação, o certo é que um crítico, que faz o seu ofício é um intermediário útil entre as intenções do artista e a compreensão do público.

Certos críticos pensam que a crítica de arte deve limitar-se, de momento, a um simples registo dos fenómenos artísticos, sem tomar partido, pois que só lhe cabe o direito de ser construtiva e criadora quando analisa as épocas do passado, visto o julgamento da posteridade ser sempre o mais justo.

Isto, quanto a mim, é pecar por excesso de humildade. O crítico vive no seu século e participa das suas lutas. Por que se impor

LIVROS NOVOS

(Continuação da 4.ª pag.)
gela, mais agradável, da Associação Industrial Portuguesa.

A este organismo, que tem produzido, previamente, o estudo sistematizado que precedeu a Secção de Estudos Económicos da A. I. P., a que os primeiros estudos Ribeiro e Pinto Barbosa deram a sua adesão e concurso, tem cumprido brilhantemente a missão para que foi criada, estimulando a realização de estudos, tão esclarecedores, como este a que nos referimos agora e cujo valor é realmente digno de assinalar-se...

VIANA DO CASTELO — PANORAMA ESTÉTICO, por Cruz Cerqueira. — É a primeira monografia turística de uma série que o autor, nosso antigo colega de Imprensa e crítico de Arte, pensa editar. Trata-se de um trabalho monográfico de excelente aspecto gráfico, em que se evidenciam as belezas arquitectónicas e paisagísticas da linda cidade minhota. Cruz Cerqueira, servido por uma bela cultura, esboçou numa pequena brochura magnificamente ilustrada com os expressivos aspectos fotográficos vianenses, este recanto do Minho, ainda edénico e cercado e banhado de sol — como acertadamente escreve o autor — «horizontal numa alacridade afável, sem rebolços de fachadas e de pó da vista panorâmica, Cruz Cerqueira descreve-nos a beleza dos seus monumentos, em páginas de grande valor literário, e fala-nos, numa linguagem colorida, das suas decorações na via pública, dos seus jardins e do seu deslumbramento designado por Santa Luzia. Trata-se de um trabalho de grande merecimento que fica entre as nossas mais categorizadas monografias e pode considerar-se o mais esclarecido documento sobre Viana do Castelo, rainha de beleza de um dos mais encantadores recantos paisagísticos do País.

DA COR DO TEMPO...

(Continuação da 4.ª pag.)
Por sua vez, eles mandam-me e recomendam-me que não vá aqui, vianense, entregam-me essas camaradas, confiam-nos à minha amizade.
E assim, chegou a hora de a crendição de Laureano: o canteiro Waldemar de Melo, a quem já fiz desandar algumas poucas horas de saboreio canteiro.
Na hora em que — virá ela alguma dia? — eu desembrar no Brasil, em deslustrada visita, em cada Estado encontrarei verdadeiros amigos, entidades que não são antigas, e bem perceberem, então, o que os compatriotas explicam tão mal: essa fraternidade transatlântica (como me escreveu Nuno Salgado) que é, sem dúvida, uma das grandes forças epistémicas que o Mundo de hoje tem de contar quanto aos seus planos de amanhã.

JOSÉ BRUGES

uma reserva, que, de resto, não têm, no que fazem muito bem, nem os que não o público? Em virtude de que prudência de mau quilate recusa ele assumir os seus riscos? Nada nos permite afirmar que os julgamentos da posteridade sejam melhores que os desejos dos contemporâneos, que a aparente superioridade dos primeiros seja, realmente, a seriedade e a superioridade à paixão dos segundos.

Se o crítico, aliás, se limitasse a ser um informador, não seria um crítico. Mas quem sabe se não é isso o que desejam esses críticos?

LEON DEGAND

«Subericultura»

(Continuação da 4.ª pag.)
meio lutar entre os países produtores. Temos que aceitar também, ainda que menos sublimemente, os cuidados, as apreensões e as responsabilidades que pesam sobre os nossos ombros e que não dizem respeito ao presente, como ao futuro desta riqueza. Por isso escrevo a seguir: «Cumpre-nos, no presente, impedir abusos, condenar desvios, punir delinquentes para que não sofra mais delapidações a valiosa herança que recebemos e não venhamos a legar aos vindouros os restos desprezíveis de um lauto festim; cabe-nos, no que diz respeito ao futuro, manter a posição conquistada e fortalecer a também, criando mais e melhores sobreiros e aproveitá-los integralmente as apíditas suberíferas da flora portuguesa».

Partindo deste ponto — que é uma indicação e um claro voto — o eng. Vieira Natividade alonga-se em considerações minuciosas acerca da forma utilizada até aqui na exploração da árvore e do solo, da técnica cultural em relação às condições agro-climáticas do país, anotando as vicissitudes por que tem passado a cultura do sobreiro em Portugal devido a causas várias, que evidenciam. Momentos há, em que perpassa, em pineladas fortes, aquilo a que se pode chamar a epopeia do sobreiro: «Nenhuma outra árvore — escreve — dá mais, exigindo tão pouco. Espalhada, talhada, saqueada, obstinada, ao sobreviver não sabemos mais admirar: se a resistência do sobreiro à ofensiva destruidora se a queira ou a miséria impotência do homem que persiste em não aproveitar a fundo, a produtividade desta árvore, em não tirar todo o partido de tão notável capacidade de adaptação».

Para além de um luminoso Prefácio do livro do eng. Vieira Natividade faz decorrer em cerca de 400 páginas que o constituem o vasto mundo suberífero, as zonas onde se pratica a cultura respectiva e seus processos a fisiologia do descortçamento, que é um dos aspectos mais importantes da matéria — o problema suberífero no nosso país — o recenseamento dos montados, degradação do revestimento florestal, etc.; outro capítulo — e dos mais notáveis — versa a cortiça, sua formação e sua composição química. Finalmente, anota-se ainda, adentro deste assunto, o minucioso estudo do eng. Vieira Natividade à importância da cortiça na nossa balança comercial. Em resumo: um trabalho que honra a agronomia e, de um modo geral, a ciência portuguesa. Escrevendo-o, o eng. J. Vieira Natividade presta um grande serviço ao país, tornando-o um dos primeiros gráficos que é justo acenar e que são, aliás, característicos das obras do eminente agrônomo, a Direcção Geral dos Serviços Florestais e Agrícolas.

ARREMATACÃO

Na próxima 5.ª feira, 30 de corrente, às 16 h., à porta da Bolsa de Lisboa, será posto em praça o seguinte: 1.º — Boa propriedade, no par. 2.º — Boa propriedade, distrito de Setúbal conhecida pelo antigo «Retiro da Tia Arsenia», composta de casa, barracões, terra de semeadura, poço e tanque, árvores de fruteira, etc., contendo com 3 estradas. Base 32.000.000, 2.º — Ótima terra de semeadura, denominada «A Vinha do Venancio», sita na Idanha, freguesia de Belas. Área varada 2.000 m². Base 6.000.000, 3.º — Boa terra de semeadura, com muitas árvores, situada no Picheiro, freguesia de S. Lourenço, em Azeitão. Área 2.000 m². Base, esc. 7.000.000. Mais esclarecimentos prestam-se pelos telefonos 23720 ou 62360.

(Continuação da 1.ª pag.)
da China — ou uma operação local sem objectivos estratégicos mais vastos. Em qualquer dos casos, parece pouco provável que os chefes militares e políticos americanos tomem por enquanto a iniciativa de pressão acerca do emprego da bomba atómica, sobretudo porque no momento actual essa arma não viria influir na marcha das operações. O que muitas pessoas que lidam de perto com as esferas militares julgam provável é que na reunião do Conselho de Segurança Nacional tenha sido prevista a eventualidade de se dar a MacArthur ordem para bombardear as bases da Manchúria no caso de as negociações em curso na «ONU» não conduzirem a qualquer resultado positivo e se tornassem, portanto, alheias à pressão a que as tropas aliadas estão submetidas na Coreia do Norte.

Neste ambiente de grande tensão, as declarações que o senador Taft fez ontem pela rádio tiveram enorme repercussão. O «leader» republicano disse que o perigo de uma conflagração mundial se tornara mais sério, e que, portanto, manifestos a esperança de uma futura paz, possível evitável. Mas apesar de ter dirigido violentos ataques à Administração, há a impressão de que se trata de um momento de crise. Tendo em conta a pressão que os Estados Unidos não apela para o Congresso, em contradição com a firme decisão de fazer frente ao perigo exterior.

«HORIZONTE»

No final do mês de Dezembro ou primeiros dias de Janeiro, deve iniciar a publicação uma nova colecção de contos que se intitulará «Horizonte» e que será editada por uma das prestigiadas da nossa literatura contemporânea. O primeiro número publicará trabalhos dos escritores Fernando Namora, Antunes da Silva, Rómulo Correia e Fernando Alberto Pimentel, e terá uma capa do artista Manuel Ribeiro de Pavia.

De dois em dois meses será publicado um fascículo, contendo, por um segundo, colaboração de Julião Quintinha, Aleixo Ribeiro, Virgílio Ferreira, Orlando Gonçalves e António M. Viana.

Cada fascículo terá 60 a 80 páginas, impressas em bom papel e será ilustrado por diversos artistas de reconhecido talento.

Em cada fascículo encontrará-se um cupão onde o leitor inscreverá o nome do conto preferido, para efeitos de um prémio a atribuir ao fim de seis meses, ao trabalho mais votado.

CASAS DE RENDA ECONOMICA NA COVILHã

Foi autorizada a Câmara Municipal da Covilhã a aliar, pelo preço de 806.058\$00, a Caixa Sindical e Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios, com destino à construção de casas de renda económica, 29-354 metros quadrados de terreno.

CASINO ESTORIL

HOJE
No Grande Salão Restaurant,
JANTAR-CONCERTO
e BAILE

pela orquestra ALMADA CRUZ
com o vocalista
RODRIGO SANTOS

O animador MAX
nas suas imitações e canções
da música popular

e o artista afro-brasileiro
HORACIO RINALDO
no seu violão

No «WONDER-BAR»
AFES DO RITMO
e as mesmas variedades

PREÇOS — No Grande Salão Restaurant, entrada livre; no «Wonder-Bar», consumo mínimo 25\$00

SABADO — ESTRÊLA
da grande ballarina
PEPITA SAN SALVADOR

Quinta Pequena

155 contos — vende-se com habitação com 8 divisões, electricidade, água, jardim, jardim, terra de semeadura, árvores de fruteira, hortas, tanques para regas, água própria, garagem, vacaria, capoeira, casa casarão e arrecadação, todo o material necessário. Torna directamente, Rua do Crucifixo, 31-3. — Telefone 23565.

(Continuação da 1.ª pag.)
mostrou ser um autêntico discípulo dos métodos revolucionários de Moscovo, falando durante horas em Nova York para pedir sanções contra a agressão provocadora do «Estado Unidos» que abriu o abismo da guerra diante do povo chinês. Nem uma palavra disse sobre o facto do «exercito popular» chinês já ter entrado em acção fora das fronteiras da Manchúria e que tem por consequência a situação mais crítica a que agora observamos na Coreia com as tropas da «ONU», pois lutam com as forças comunistas na proporção de 1 contra 2.

Pergunta-se se a delegação chinesa chegou a Nova York com as mãos atadas e com a exclusiva intenção de cobrir a acção militar já em marcha, tal como fez o Embaixador japonês quando se apresentou no Gabinete do Secretário de Estado, Cordell Hull, no dia fatal do golpe contra Pearl Harbour. Seja como for, os Estados Unidos não encontram-se em pleno estado de emergência militar e preparados para todas as eventualidades que podem surgir da ameaça de Pequim.

Os factos consumados

Quando Tchitcherine veio a Genova, há vinte e sete anos e meio, a bochevização da Rússia era um facto consumado. Na Ásia, os comissários de Moscovo tentavam já, em vão, colocar o movimento republicano chinês do Kuo-Min-Tang às suas ordens. Na Europa, Tchitcherine conseguiu o golpe de surpresa do acordo germano-soviético de Rapallo, para se vingar do seu insucesso do lado inglês e francês, mostrando ao Ocidente que o «cordão sanitário» dos Estados Unidos não era mais que um mito. O Mar Negro, podia, facilmente, ser ladeado por um acordo entre as duas grandes potências «desclassificadas», Rússia e Alemanha.

A delegação chinesa foi recebida «de braços abertos» por Vichinsky e pela delegação dos «Governos populares» do modelo soviético. Mas, desta vez, o Mundo ocidental encontra-se numa posição bem diferente, simultaneamente mais ameaçado e mais alarmado do que nos anos de falsa segurança, após 1919. É uma terceira guerra mundial que está em jogo e ninguém o ignora em Lake Success. Os chineses dizem que só vieram discutir a agressão americana na Formosa e na Coreia. Mas as Divisões de Mao-Tse-Tung invadiram a última hora em grande força a Coreia para impedir o fim do conflito. Quanto à Formosa, a união da Coreia e a intervenção da China já se vão desvanecendo. O Kuang-Kai-Chek e os americanos. Estes disseram já que estarão prontos a discutir o caso da Formosa no quadro do tratado de paz com o Japão, que foi apresentado à delegação soviética. Assinando-o, Moscovo podia, talvez, abrir à China comunista, simultaneamente, as portas da Formosa e da «ONU». Mas ainda estamos longe disso.

A encadela dos problemas

Além disso há um outro problema, no outro extremo da China, que depende, directamente, das soluções que serão adoptadas em Lake Success. A França faz o possível por tirar a espólia da bomba indochina. Segundo os acordos que foram agora assinados em Pau, nos próximos dias os representantes do Vietnã não haverá funcionários franceses na Indochina a partir de Janeiro próximo, excepção feita do pessoal de educação e dos serviços que trabalham em ligação com o corpo expedicionário. Isto explica o motivo por que o Presidente do Conselho, Plevin, disse que as tropas francesas não tinham a tarefa de reconquistar o território perdido, mas de elevar a bom termo, uma acção política. Esta consiste na esperança de uma reconciliação entre o Vietnã e o Vietnã, explicando aos nacionalistas comu-

zantes de Ho-Chi-Minh que o seu fim foi atingido. Atrás de tudo isto há a preocupação de evitar o conflito aberto com a China comunista e permitir ao Sueste asiático conquistar a sua independência nacional, sem cair directamente no comunismo. Que diz a isso o Alto Comissário britânico na Malásia? Talvez também prefira fazer concessões em toda a linha, à guerra permanente contra o terror anónimo da selva.

A Europa não está directamente em causa nas negociações com a delegação chinesa na «ONU», mas segue-a, ansiosamente, porque, no fundo, trata-se sempre da mesma questão de guerra ou de paz.

Em Varsóvia, os «Congressistas» da Pza renovaram o apelo ao Mundo ocidental para aceitar as condições soviéticas para a unificação de uma Alemanha desmilitarizada. Em Estrasburgo, a impossibilidade de integrar a Inglaterra numa verdadeira Federação Europeia verificou-se, uma vez mais. Uma vaga de desconfiança ergueu-se, em Londres, por causa das repetidas denúncias do tratado anglo-egípcio pelo Governo do Cairo.

A paz é incerta na Europa. Um compromisso na Ásia significa um benefício ou um perigo? Eis a grave questão que se esconde atrás da máscara ameaçadora do general Wu-Hsiu-Chan.

O ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

DO SR. CARDEAL

PATRIARCA DE LISBOA

Em comemoração do dia do aniversário do sr. Cardeal Patriarca, realizou-se hoje, no Seminário de Almada várias cerimónias por iniciativa do vice-reitor, professores e alunos daquele estabelecimento de ensino.

De manhã, houve missa cantada, em seguida, ergueu-se a tocha do Seminário, celebrada pelo vice-reitor, padre José Correia de Sá (Asseca), acompanhada a cantos pelo grupo coral dos alunos.

Pelas 15 horas, o sr. Cardeal Patriarca foi recebido no Seminário pelos professores, alunos e pessoas de suas famílias, seguindo-se uma pequena sessão de boas-vindas durante a qual um dos alunos, em nome de todos, saudou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira e o vice-reitor pronunciou também algumas palavras de saudação em nome do corpo docente.

Depois, iniciou-se a representação do drama «O Sonho do Condestável», escrito pelo sr. Dr. Alberto Dinis da Fonseca. Os alunos representaram também o «Auto do Advento» do rev. Ferreira da Silva, tendo o grupo coral do Seminário cantado alguns números de música polifónica. Durante os intervalos foram recitados alguns poemas do rev. Moreira das Neves.

ALMOÇO DE HOMENAGEM AO ENG. MOREIRA RATO

Uma comissão delegada de todos os organismos de Paço de Arcos vai promover um almoço de homenagem ao sr. Eng. Joaquim Moreira Rato, como preito de gratidão pela acção que desenvolveu a favor daquela vila, durante o decurso de suas funções de vereador da Câmara Municipal de Oeiras, que em breve vai abandonar. A inscrição encontra-se aberta nos Bombeiros Voluntários do Clube Desportivo de Paço de Arcos.

850 CENTAVOS

por tonelada e quilómetro é o custo do transporte no caminho de ferro, e em GRANDE VELOCIDADE, de AZEITONA, desde 13 de Novembro de 1950 até 31 de Agosto de 1951, quando o seu preço decresce para 500 Kps, ou pagando como tal.

Um conto por dia

ALMA INQUETA

por Maria Antonieta

TRANScrição de algumas páginas de um «Diário», que uma rajada de vento fez entrar pela minha janela:

«Março, 22 — Se pudesse rir... Porém, minha alma chora. Tudo em meu redor me inspira tédio. Queria que meu coração cantasse juntamente com a Primavera. Todavia, está triste como um dia sem Sol.

«Ontem, doces até ao jardim. Sente-se a influência da estação deslizar por toda a parte. A vida desabrocha. A mais pequenina planta está cheia de seiva. Se meus pobres nervos pudessem também recuperar o equilíbrio perdido seria a saúde que voltava e com ela a esperança de viver. Oh! Viver! Antes achava que era tão bom viver... Hoje, descanço-me. Sinto-me tão cansada, tão exausta que já nada me pode interessar.»

«Março, 23 — Nada se passou hoje de extraordinário. Somente esteve cá em casa a D. Helena. Não simpático com a senhora por causa daquele horrível vestido verde que traz sempre. Diz ela que verde é esperança. Esperança de quê?

«Março, 24 — Meu irmão acabou de sair. Veio com um muito conselheiro falhar-me no Ariz. Que é um bom partido, — o materialista não pensa senão no dinheiro! — que simpatiza comigo... eu sei lá o que ele insinuou; que devia aproveitar; que não me entregasse ao meu sonho defeito.

«Corre com ele. Não me foi possível ouvi-lo mais.

ESTREIA AMANHÃ

A Grande Companhia de Circo, do Coliseu, com as mais empolgantes atrações e novidades sensacionais.

O cartaz da Nova Companhia de Circo que, amanhã, se estreia no Coliseu, é formidável. Stinson, herói domador, trabalhando com lobos e urso, na mesma jaula. Quatro elefantes andam, engracados, dissimulados. Rusa, com os cavalos árabes montados. A famosa troupe



Os quatro Gastons voam como pássaros

de palhaços Polo Rivals, com quatro lindas raparigas, e o famoso «clown» Nency Comotti. A troupe ciclista sério-cômica Deblars, com o seu vertiginoso carroussel. A família Krems, artistas suíços de brilhante nomeada, em acrobacia e equilíbrios novos. Os quatro Gastons, em cama elástica, com barras, o que é original. Fria Ned, mágica de mistério, o ilusionista mais enigmático. Paul e Paulette, marinhos acrobatas. A troupe Dubowsky, húngaros, formidáveis patinadores, que trabalham com o público. Magondo, o evolucionista humano, faísca de vida, de uma terrível ferocidade, e muitas outras maravilhas.



OURO, PRATA, JOIAS E RELOGIOS

Grande sortido — Preços limitados

Ourivesaria Santos Calita, L.^{da}

Rua Eugénio dos Santos, 44

«Amanhã, peço-lhe desculpa. Sei que só quer o meu bem. Há de perdoar-me, tenho a certeza. Talvez seja o único a compreender-me. Sabe que sou amiga dele e, por isso, perdoa sempre as minhas irreverências.

«Se eu pudesse afastar esta lassidão que sinto no espírito!»

«Abril, 1 — Meu querido amigo, como foi possível abandonar-te tantos dias? Não tenho tido paciência nem sequer para ti. Hoje é dia das mentiras, dizem. Porquê? Não se mente por acaso todo o ano?

«Sal a fazer compras, com minha mãe. Fez todo o possível por me interessar em tudo o que vinhas. Não encontrei nada de especial. Nada me despertou desta apatia.

«No entanto, em meu coração já morou a felicidade. Desde que ele partiu para sempre, em minha alma aninhou-se a saudade. Madra guerra. Quantas noites sofriam desgosto idêntico ao meu? Datam das minhas primeiras lágrimas de mulher. Há quanto tempo foi isto? Já nem me recordo...»

«Abril, 2 — Que lindo dia. Estou bem disposta. Sinto passos...»

Era meu pai. Veio convidar-me a dar um passeio pelo jardim. Foi.

«Como a Natureza é pródiga quando quer! Que encanto e mistério encontro no colorido e no perfume das flores!

«Meu pai teve um ataque de tosse, e eu fugi para o meu quarto. Não sei explicar isto. Só sei que não posso suportar a sua tosse. Certamente sofro de alergia. Pobre pai! E' tão meu amigo, tão compreensivo! E esta sensação de aperto que sinto no estômago e na garganta? Diz o médico que são angústias. Ele já teria tido angústias? Sabe-se lá? Agora lembrei-me da letra da aquele fado que começa assim: «Sabe-se lá / Quando a sorte / É boa ou má...» E' bem verdade. Somos todos uns titers na mão do destino.

«Abril 3 — Hoje não sai do quarto. Sinto-me tão bem assim isolada! A noite desce lentamente e ameaça o dia com o seu manto que tudo cobre. Sabe-me bem esta melancolia.

«Abril, 4 — Pedi ao Carlos que me levasse até à Praia Grande para ver o pôr do Sol. Fiquei extasiada. Tem qualquer coisa de maravilhoso o pôr do Sol visto dali. Com os seus tons avermelhados reflectindo-se no azul profundo do mar, toma o aspecto quase material de uma fantasmagoria. Se pudesse retê-lo, ficaria ali eternamente em contemplação. Na volta, não trocámos nem uma palavra. Sou uma péssima camarada. Mas sentia uma moleza tão grande... era talvez a influência daquela hora melancólica.

«Jantei bem, e estou a cair de sono. Devem ser efeitos do passeio...

«Bem me aconselham a sair mais vezes...»

«Vou-me deitar. Até amanhã, meu amigo.»

«Abril, 6 — Há dois dias, que estou com febre, e, por isso, não tenho saído do quarto. O médico bem diz que o ar do mar me faz mal, que me excita os nervos já

de si tão despretos. Vem aí alguém, vou esconder-te.

«Minha mãe veio fazer-me companhia e trazer-me um calmante, para que eu possa conciliar o sono. Dormir para quê? Enquanto durmo não vivo. Podere de mim! Já não sei o que quero nem o que digo... Decididamente minha imaginação está precisando de um ecotele de forças.»

«Já em pequena não fui como as demais crianças. Sempre esta tendência para o isolamento! Afinal para que quero eu viver, se é somente meu corpo que caminha na vida, pois que a minha alma vai ficando para trás como o pano de uma bandeira desfraldada ao vento! Se a isto se chama vida, para que serve viver?...»

E assim, com este desabafo, não sei se de revolta se de desânimo — termina o «Diário» desta rapariga que um desgosto tornou numa alma inquieta.

(Continuação da 2.ª pag.)

Junior, com música dos mestres Jaime Mendes e Renê Dias.

Que, segundo consta, vai ser alterada a deliberação da Associação de Escritores Teatrais Brasileiros que permitirá traduções de peças estrangeiras feitas por escritores daquele país.

Que a Companhia Brasileira de Comédia estreia na próxima quinta-feira, no Teatro Sã da Bandeira, a peça «Os maridos divertem-se das cinco às sete».

Que foi adiada para terça-feira da próxima semana a estreia, no Teatro da Trindade, da comédia de Manuel Fragozo, «Queo viver».

Que o ator brasileiro, Eduardo Futre, que trabalhou como atração na revista nordestina «Porto-Beneficência», já foi convidado pelo empresário Avrelio Carneiro para tomar parte noutra revista.

Que começa por Evora a digressão da companhia de revistas que o empresário Rosa Mateus organizou para percorrer o norte português.

Que é amanhã que se realiza no Teatro Variedades o ensaio geral, para a Censura, da revista «Sempre em festa».

MÚSICA SOCIEDADE DE CONCERTOS DE LISBOA — No 2.º concerto desta temporada, da Sociedade de Concertos de Lisboa, estreia-se hoje o Concerto nº 4 célebre violinista francês Christian Fauré, que tocou, com a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco, o «Concerto» de Beethoven e o «Fragor» de Ravel.

A Orquestra Sinfónica Nacional excursionará também, entre outras peças «A Valsa» de Ravel.

CONSERVATORIO NACIONAL — No dia 1 de Dezembro, atinge o limite de idade, deixando portanto de prestar serviço no Conservatório Nacional, o caso de D. João de Sá. Por ser feriado, todos os professores e alunos da Escola deverão comparecer, amanhã, pelas 8 horas, na Sala da Biblioteca, a fim de tomarem parte na cerimónia de despedida do antigo professor.

A violinista e pianista italiana, Margherita e Luciana Gabriel, realizam, hoje, às 21.45 horas, na sala do Conservatório Nacional um concerto promovido pelo Instituto de Cultura Italiana em colaboração com o mesmo Conservatório. O Duo Gabriel, que tem no seu activo, numerosas «tournées» em Itália e na Europa, chegou a Portugal depois de ter dado vários concertos em Barcelona e Madrid.

AS CONFERÊNCIAS DE HOJE

Na Igreja Evangélica, travessa de Santa Catarina, 2, às 31 horas, pelo dr. Lothar Thomas sob o tema «O cristão em face da técnica».

ESTA NOITE PODE OUVIR

EMISSORA — A's 18 e 30: Danças; 19: Notícias; 19 e 30: Música coral sinfónica; 19 e 30: Música ligeira sinfónica; 20: O caso do dia e o caso do dia; 20 e 30: Música de tecla; 21 e 30: Trechos de ópera; 21 e 45: Transmissão do Teatro de S. Carlos de um concerto organizado pela Sociedade de Concertos de Lisboa, em que colaboram a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco, o «Concerto» de Beethoven e o «Fragor» de Ravel.



MODELO 132

murphy

UM RECEPTOR DE CATEGORIA

POR PREÇO MÓDICO

127\$ POR MÊS

COM A GARANTIA DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

LISBOA, R. DO NORTE, 3 E R. DAS FLORES, 119 • PORTO, R. SÁ DA BANDEIRA, 585

DEPOIS DAS NOVE

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22: Eventual; às 22 e 15: 2.ª Notícias; às 22 e 30: Pôr do Sol, da estação do Porto, Estações de Lisboa; às 22 e 28: Boletim religioso; às 22 e 30: Alvorada juvenil; às 23: Trechos de zarzuelas; às 23 e 30: Música portuguesa; às 23 e 40: Música ligeira; às 24: Fecho.

Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Pedro de Freitas Branco e o violinista Christian Fauré, às 22 e 30: História de Portugal, pelo prof. Dr. Damilo Peres; às 22 e 45: 2.ª parte do concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional; às 22 e 30: Resumo noticioso — Boletim meteorológico; às 0: Fecho. Programa B — A's 21 e 15: Fedos e guitarradas; às 21 e 30: Canções; às 21 e 40: A Voz da Cidade, programa organizado pelos serviços culturais da C. M. L.; às 22: Música ligeira sinfónica; às 22 e 30: Crónica de um colecionador de imagens, pelo dr. António Quadros; às 22 e 10: Música de salão; às 22 e 25: Danças; às 22 e 50: (Junção dos emissores).

RÁDIO CLUBE — A's 19: Música de baile; às 19 e 30: Canções, por Bing Crosby, Sarah Leander, etc.; às 20: Música portuguesa; às 21: «Vozes que já se ouviram»; às 21 e 15: Música escollida; às 21 e 30: Música sinfónica; às 21 e 45: Canções escollidas; às 22:

ULTIMAS NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

OS AMERICANOS A ERUPÇÃO DO ETNA

NÃO PODEM DEIXAR DE ENCARAR COM A MAIOR PREOCUPAÇÃO AS DECLARAÇÕES DO DELEGADO DO GOVERNO DE PEQUIM

— escreve o «Herald Tribune»

NOVA YORK, 29. — A imprensa evidencia nos artigos de fundo a gravidade da situação internacional, em virtude da intervenção chinesa na Coreia.

«Nova guerra», é o título que o «Herald Tribune» dá ao principal editorial, em que o articulista escreve:

«Os americanos não podem deixar de encarar com a maior preocupação a possibilidade de se verem empenhados numa luta de vida ou de morte com a China comunista. Os responsáveis pela segurança geral do país têm obrigação de não deixar perder os meios de evitar que a nossa força seja absorvida naquela região. Ao mesmo tempo, o público deve estar preparado para o pior.»

O «New York Times», que faz da «agressão» dos comunistas na Coreia, onde a intervenção comunista chinesa suprime qualquer esperança de paz rápida», salienta que os Estados Unidos, como Austin declarou no Conselho de Segurança, ontem, continuam a fazer quanto lhes depende para impedir que o conflito actual alastre, e procuram ansiosamente todos os meios políticos, sejam quais forem, para evitar semelhante catástrofe. — (F. P.).

Extrema gravidade da situação
— é a opinião geral da imprensa londrina

LONDRES, 29. — Com títulos a toda a largura da primeira página, a maior parte dos jornais londrinos anuncia esta manhã os acontecimentos da Coreia e as informações de Washington e Lake Success, e as palavras «extrema gravidade da situação» surgem, por várias vezes, nos comentários consagrados a estas notícias.

No entanto, a algumas horas do debate de política externa nos Comuns, os comentadores mostram-se em geral de acordo para aconselhar ao Governo e adversários prudência e moderação, a fim de se encontrar uma solução para a situação actual. Vários editoriais apelam para a solidariedade dos partidos e manutenção da unidade das potências ocidentais.

O «Times» considera «excepcionalmente grave» o tom do comunicado do general Mac Arthur. «Seria imprudente», acrescenta o jornal, «fazer um câlculo positivo das intenções chinesas. É até difícil a esta distância discernir de maneira concreta a política das Nações Unidas nos últimos dias e especialmente as relações entre as decisões militares e as esperanças da diplomacia. O perigo de um conflito de armamentos era evidente logo que se soube que os chineses tinham atravessado a fronteira coreana. Não pode haver dúvidas que este último e formidável ataque às Nações Unidas em presença — ao campo de batalha e à mesa do Conselho — de um problema perigoso que pode estar carregado dos mais altos presságios» — conclui o «Times».

O «Daily Mail» lamenta que Churchill não esteja no Poder

Outros jornais, que destacam nas últimas páginas as declarações de Acheson e do general Mac Arthur sobre a gravidade da situação e o perigo que ameaça a Europa, mostram-se menos respostivos do que o «Times» nos seus comentários.

O «Daily Mail», conservador, acolhe com certa irritação a declaração do general Mac Arthur de que a solução pertence às Nações Unidas.

«E' ai que se devia procurar a não nas declarações ou nos actos de um chefe militar. Há duas semanas, a cessação das hostilidades».

Compre hoje mesmo «NUMEROS N. 1» do FUTEBOL PORTUGUES da autoria de RICARDO ORNELLAS

tilidades era instantaneamente pedida nas chancelarias de Londres e de Washington.

Analisando, em seguida, as razões que conduziram à recente ofensiva aliada, o desejo de conseguir uma vitória rápida sou de negociar uma posição de força — o jornal escreve:

«A aproximação com a China poderia não dar nenhum resultado, mas devia-se tentá-la. Agora há que combater, e nós combatemos. O Mundo, no entanto, sente-se a favor da guerra, confinada à Coreia».

Isto leva o jornal conservador a verificar que as forças democráticas foram derrotadas na Europa e Médio Oriente para uma guerra indefinível com a China, terão caído numa armadilha, devido à falta de uma política bem definida. Deploando as divergências de opinião entre os partidos na Grã-Bretanha e entre os aliados ocidentais, o jornal conclui:

«Que tragédia não se encontrar neste momento crucial Churchill à frente dos negócios públicos e, consequentemente, na direcção dos negócios do Mundo ocidental» — (F. P.).

SERÁ DE MEIO MILHÃO O EFECTIVO

DAS FORÇAS CHINESAS COMUNISTAS

QUE VÃO ENTRAR NA COREIA

— diz-se nos meios militares da Formosa

TAIPE (Formosa), 29. — Um informador militar nacionalista declarou que, segundo notícias recebidas da Manchúria pelos serviços secretos, mais cem mil soldados comunistas chineses atravessaram já o rio Yalu, na Coreia.

Julgase que os comunistas estão decididos a elevar a meio milhão o efectivo das suas forças. Mas isto poderá enriquecer gravemente a sua posição, no continente.

O cálculo feito ontem pelo general Mac Arthur de duzentos mil homens comunistas chineses, na Coreia, «reter-se-ia indiscutivelmente apenas às tropas da frente».

O informador nacionalista chinês declarou, ainda, que as notícias dos serviços secretos indicavam importantes movimentos de tropas comunistas chinesas, em direcção à Manchúria.

Afirmou que várias unidades do 4.º Exército de campanha do general comunista Lin Biao estavam ainda a examinar o centro da China para o norte, para a área a leste de Mukden.

Aseverou que 400 mil dos 600 mil homens desse exército se encontravam agora na Manchúria.

Dos 400 mil homens do 3.º Exército de campanha do general Chen Yi estavam, provavelmente, cem mil na Manchúria.

Os restantes estavam a enfrentar a actividade das guerrilhas nacionalistas, no litoral, de Xangai até Cantão. — (R.).

O conflito da Coreia deve ser localizado — é a opinião do Governo britânico

LONDRES, 29. — Julga-se em círculos geralmente bem informados que o Governo britânico se opõe ainda fundamentalmente a que se dê autorização a Mac Arthur para qualquer forma de actividade aérea sobre a Manchúria.

A Grã-Bretanha mantém a opinião de que, sejam quais forem as provocações, o conflito da Coreia

MILO (Sicília), 29. — Os 900 habitantes desta singular aldea dos contrafortes do Monte Etna, que está em erupção passaram a última noite em constante sobresalto, pois julgaram que as suas casas desapareceriam quando a corrente de lava incandescente desceu lentamente em direcção ao aglomerado.

Não há sinais de diminuição da intensidade da erupção, que dura há 3 dias, se bem que a velocidade da corrente de lava tivesse diminuído ligeiramente.

No entanto, continua a avançar a cerca de 45 metros por hora. A sua massa cinzenta escura era visível deste local, e calcula-se que apenas quilómetro e meio separa a corrente de lava de Milo.

Hoje à noite os aldeões, se a corrente não diminuir esperam que as suas casas sejam engolidas pela lava.

Mantiveram-se durante todo o dia de ontem com os seus haveres empilhados sobre carroças e mulas, prontos a partir. Os sinais da igreja repicam em intervalos regulares e os camponeses rezam. — (R.).

SERÁ DE MEIO MILHÃO O EFECTIVO

DAS FORÇAS CHINESAS COMUNISTAS

QUE VÃO ENTRAR NA COREIA

— diz-se nos meios militares da Formosa

deve ser localizado, e sabe-se que esse ponto de vista foi já transmitido a Washington, quando o general Mac Arthur pediu o direito de perseguir aviões de combate.

Segundo uma fonte geralmente bem informada, é provável que seja reafirmada, em face da nova intervenção chinesa, a oposição britânica à actividade aérea das forças das Nações Unidas, sobre a Manchúria.

Os observadores reconhecem que dependerá de poder ou não estabelecer a linha de defesa dentro de poucos dias o ponto até que o general Mac Arthur insistirá para autorizar o bombardear a Manchúria. Os observadores são convencidos de que a crise actual poderá ainda ser solucionada, no caso de se estabelecer a linha, em consequência do agravamento das condições atmosféricas, na Coreia, poder entrar o ritmo do avanço das tropas comunistas. — (R.).

CIRCULO EÇA DE QUEIROZ

Foram convocadas para hoje, respectivamente às 21 e às 22 horas, as assembleias ordinária e extraordinária do Circulo Eça de Queiroz: a primeira, para apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1944 e 1949, eleição dos corpos gerentes para o triénio de 1951 a 1953 e apresentação de propostas de alteração dos Estatutos; e a segunda, para apreciação, discussão e votação daquelas propostas. Não havendo numero legal, as referidas assembleias reunirão meia hora depois, com qualquer numero.

Em poucas linhas

Ficou adiada para data a anunciar, a festa que a Liga de Melhoramentos da Freguesia de Enxida da Beira devia realizar amanhã, na Casa das Beiras.

UMA GRANDE PROVA AUTOMOBILISTICA

OS 48 CONCORRENTES

A II VOLTA A PORTUGAL

PARTEM HOJE, À MEIA NOITE, PARA PORTIMÃO

ONDE TERMINA A PRIMEIRA ETAPA

Começam, a partir de hoje, a meia noite, da Praça Marquês de Pombal, em direcção a Casilhas, os 48 concorrentes à «II Grande Volta a Portugal» em automóvel, organizada pelo Clube «100 a Hora», sob o patrocínio dos nossos colegas «O Século» e «Diário de Lisboa». As partidas serão dadas com intervalos de um minuto.

Trata-se da mais dura prova automobilística que se realiza no nosso País e que implica, da parte dos «volantes», qualidades de resistência física, e capacidade técnica invulgar.

A «II Volta a Portugal» em automóvel, que, como a primeira, disputada o ano passado, despertou grande curiosidade no publico e foi seguida com vivo interesse em todas as suas fases, compreende o percurso de 2.154 quilómetros, a média horária de 50 quilómetros. Os concorrentes têm de vencer todas as surpresas da estrada e da mecânica dos veículos, as quais tornam a prova extraordinariamente violenta.

A competição é subdividida em quatro etapas e cinco provas complementares, e o percurso será obrigatoriamente coberto em 44 h, 16 m, e 30 s, a média geral de 50 quilómetros, na 1.ª e 2.ª etapas (Lisbon - Portimão - Castelo Branco), 45 quilómetros na 3.ª (Castelo Branco-Vila Real), 40 quilómetros (num troço de 30 quilómetros), e 50 (no restante), na 4.ª tirada (Vila Real-Lisbon).

Esta grande prova nacional de estrada termina na tarde de domingo próximo, na Praça do Império. A organização atendeu todos os pormenores, prevenindo, por isso, que o nosso automobilismo desportivo saia, mais uma vez, prestigiado com a realização

RESTAURANTE CHAVE D'OURO

SZEKELYGULASCH
SALZBURGERBIF
WIENERSCHNITZL

MENU 40\$00

Acepipes ou sopa

Ovos fritos à Andaluza
ou Suprême D. Pascada
à Aveirense

Costel. D. Vitefa à Milanesa ou Filet Mignon

Queijo ou Fruta
ou Puding

SALAS P. BANQUETES

Compre hoje mesmo «NUMEROS N. 1» do FUTEBOL PORTUGUES da autoria de RICARDO ORNELLAS



Lisboa é hoje uma cidade cosmopolita, igual às grandes capitais da Europa. Sobre certos aspectos, o breleva-se, até. As exigências da vida elegante das grandes centros são cada vez maiores e a ansia de melhorar se encontra no estrangeiro é o fio determinante daquelas que, mercê da sua iniciativa, concorrem, dentro dos seus «cavalleros», para o nível do progresso que, dia a dia, se faz sentir na capital.

É este esforço que o «Negresco», dentro do mundanismo lisboeta, ocupa um lugar do maior destaque. A preferência com que o distingue a nossa melhor sociedade, que sabe encontrar ali o ambiente próprio para os seus hábitos elegantes, prova-o sobejamente.

Por sua vez, a gerência do «Negresco» — em mãos de pessoa competente, moderna e sube — nunca se dá por satisfeita da das melhores causas do generoso com o que proporciona aos seus «habitantes». Procura sempre, a par muito modestamente embora, para da melhoria do seu requintado serviço a progressiva modernização da categoria de alta categoria, dar-lhes a pila.

É com estes e outros atractivos — e tantos são — que o «Negresco» segue, desde há muito, na vanguarda da das melhores causas do generoso com o que proporciona aos seus «habitantes».

Compre hoje mesmo «NUMEROS N. 1» do FUTEBOL PORTUGUES da autoria de RICARDO ORNELLAS

NEGRESCO

Rua Jardim do Regedor, 39 e 45

TELEFONE 31727